

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS AO DESENVOLVIMENTO
INFANTIL NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA WALDORF**

RAFAELA GUIMARÃES DE ANDRADE

Brasília – DF, dezembro de 2013

Andrade, Rafaela Guimarães de.

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA WALDORF / Rafaela Guimarães de Andrade:
Brasília: UnB. 2013. 95 p.

Trabalho conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade de Brasília, 2013.

Orientadora: Maria Alexandra Militão Rodrigues

RAFAELA GUIMARÃES DE ANDRADE

**A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS AO DESENVOLVIMENTO
INFANTIL NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA WALDORF**

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Claudia Linhares Sanz

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Brasília – DF, dezembro de 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

RAFAELA GUIMARÃES DE ANDRADE

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS AO DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO ÂMBITO DA PEDAGOGIA WALDORF

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a
avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Orientadora

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Membro Titular – UnB/FE

Profa. Dra. Claudia Linhares Sanz
Membro Titular – UnB/FE

Brasília – DF, dezembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Deus* pela oportunidade de viver esta grandiosa experiência.

Agradeço a minha *família amada*, por ser minha base. Agradeço aos *meus pais* o cuidado, o apoio e o amor. Agradeço a minha irmã *Renata*, por estar sempre ao meu lado, me norteando. Agradeço a minha irmã *Carolina*, por cuidar de mim, desde sempre. Agradeço ao meu irmão *Rodrigo*, por me ensinar tantas virtudes, em especial, a paciência. Agradeço aos meus sobrinhos *Pedro, Marcela, Rafael e Ravi*, por serem meus principais professores. E, agradeço aos meus queridos cunhados *Teldo e Colombo*, o carinho que têm por mim. *Amo infinitamente cada um de vocês!*

Agradeço aos meus amigos de longa data que me ensinam, dentre tantas coisas, a crescer. E aos amigos feitos na Faculdade de Educação, agradeço o companheirismo nesta incrível jornada.

Agradeço à minha querida orientadora, *Maria Alexandra*, que foi além de tudo uma grande terapeuta durante esse tempo de convivência.

Agradeço aos professores da Faculdade de Educação, em especial, a querida professora, *Fátima Vidal*, por ter estruturado o meu trabalho e a mim, ao mesmo tempo.

Agradeço às crianças do *Jardim A* do ano de 2013 da Escola Waldorf Moara, por terem me proporcionado momentos inesquecíveis e conhecimentos para uma vida inteira.

Por fim, agradeço a pessoa que maior diferença fez nesta experiência: meu namorado, *Lind*. Agradeço sua paciência, seu carinho e dedicação. Não foi fácil ler, reler, sugerir e insistir para que o melhor fosse feito, à custa de uma namorada, tantas vezes, intolerante. Muita gratidão e amor é o que eu sinto *por você* neste momento!

“O que se expressa nos diferentes contos de fadas não é aquilo que pode atingir o homem numa situação específica da vida, não é um círculo limitado da vivência humana, e sim algo tão profundo, nas vivências da alma humana, que passa a ser comum a toda humanidade.”

Rudolf Steiner

RESUMO

Este trabalho analisou a contribuição dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil no âmbito da Pedagogia Waldorf. Tal narrativa é bastante utilizada como instrumento pedagógico e apresenta-se como importante ferramenta para a educação das crianças. A escolha do tema e do contexto onde se realizou a pesquisa - a Escola Waldorf Moara de Brasília – justificou-se devido a sua forte expressão no âmbito da Educação Waldorf, e ao meu grande interesse por essa prática. Assim, apoiado na Antroposofia - filosofia desenvolvida por Rudolf Steiner, o trabalho identificou os fundamentos que norteiam as práticas da Pedagogia Waldorf, assim como sua visão acerca de desenvolvimento humano. Quanto aos contos de fadas, o trabalho analisou, além de sua trajetória histórica, o significado, a importância e utilização prática nessa pedagogia. Foram abordadas as ideias de autores antroposóficos, em especial, Sueli Passerini; e de outros autores que contribuíram para a reflexão acerca dos contos de fadas no processo de desenvolvimento infantil, como Marie Louise von Franz e Bruno Bettelheim. A metodologia utilizada foi a observação participativa, de abordagem qualitativa, que possibilitou a construção de um diário de bordo da minha práxis no jardim de infância da Escola Waldorf Moara. Assim, com base na prática vivenciada, foi possível compreender a magia dos contos de fadas e refletir a respeito das suas contribuições ao desenvolvimento infantil, na medida em que penetram em camadas profundas da criança, e imprimem, de maneira subjetiva, soluções para seus conflitos internos.

Palavras-chave: contos de fadas, desenvolvimento infantil, Pedagogia Waldorf.

ABSTRACT

This research analyzed the contribution from the fairytales to the development infant in an ambit of Waldorf Education. That feirytales is widely used as a pedagogical instrument and also as a very important tool for the education. Because their strong expression in the scope of Waldorf Education and my large interest in this practice, was justified the choice of the theme and the place where this research was developed: School Waldorf Moara of Brasília. So, supported by the Anthroposophy – philosophy developed by Rudolf Steiner whose identified the fundamentals that guide the Waldorf Education’s practices, as well as the vision about the human development. About the fairytales, this work analyzed beyond the historic trajectory, the meaning, the importance end the use of this practice. Were addressed the ideas from the anthroposophic authors, specially the author called Sueli Pecci Passerini. However, others authors were cited, like the psychologist analytical Marie Louise von Franz and the psycholanalyst Bruno Bettelheim, highlighting their contribution with the theme. The methodology used was the participatory observation, whose qualitative approach enables the construction of a logbook from my participation in a school Waldorf Moara’s kindergarten. So, based on in all those things, it was possible comprehending the magic from the fairytales end make some reflection about the contributions to the infant development, in accordance with penetrate deep layers of the children, making subjective suggestions for theirs internal conflicts.

Key-words: Fairytales, infant’s development, Waldorf education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Ambiente preparado para a narração do conto de fadas <i>O Burrinho</i>	78
Figura 2 Ambiente preparado para a narração do conto de fadas <i>Os Gnomos</i>	81
Figura 3 Ambiente preparado para a narração do conto de fadas <i>A Bela Adormecida</i>	86

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	iv
APRESENTAÇÃO.....	7
MEMORIAL	9
INTRODUÇÃO.....	17
OBJETIVOS.....	20
Objetivo Geral	20
Objetivos Específicos	20
CAPÍTULO 1	201
Primeira história: Os Quadrimembrados	22
1 A PEDAGOGIA WALDORF E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA À LUZ DA ANTROPOSOFIA.....	24
1.1 A Antroposofia.....	24
1.1.1 A Constituição Humana: A Conceção Quaternária.....	25
1.1.2 A Conceção Trimembrada: Pensar, Sentir e Querer.....	27
1.1.3 O Primeiro Setênio.	28
1.2 Breve Histórico da Pedagogia Waldorf.....	30
1.3 Proposta Pedagógica Waldorf	32
1.3.1 A Pedagogia Waldorf e a Educação Infantil: Educação no Primeiro Setênio.....	34
CAPÍTULO 2	36
Segunda história: A Princesa Corajosa.....	37
2 OS CONTOS DE FADAS: SUA IMPORTÂNCIA NA PEDAGOGIA WALDORF.....	40
2.1 A Trajetória dos Contos de Fadas ao Longo da História.	40
2.2 O Significado dos Contos de Fadas no Primeiro Setênio.....	43
2.3 A Importância dos Contos de Fadas na Pedagogia Waldorf.....	45
CAPÍTULO 3	48
Terceira história: A Misteriosa Senhora.....	49
3 OS CONTOS DE FADAS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	51
3.1 O Despertar da Consciência Infantil e a Construção de Imagens Conceituais.	51
3.2 A Interpretação dos Contos de Fadas e sua Contribuição às Crianças.....	56
3.3 Contribuições da Psicanálise Freudiana e da Psicologia Analítica de Jung.....	58

CAPÍTULO 4	61
4 METODOLOGIA	62
4.1 Descrição do Trabalho de Campo e Procedimentos de Coleta de Dados.	62
4.2 Caracterização da Escola Waldorf Moara.	64
4.3 Caracterização da Turma.	66
CAPÍTULO 5	70
5 VIVENCIANDO OS CONTOS DE FADAS NA PEDAGOGIA WALDORF.	71
5.1 A Hora do Conto	71
5.2 Conto de Fadas: O Burrinho.	72
5.2.1 Caracterização da Época da Páscoa.	75
5.2.2 Observações do Burrinho	76
5.3 Conto de Fadas: Os Gnomos	78
5.3.1 Caracterização da Época dos Anões	80
5.3.2 Observações dos Gnomos.	80
5.4 Conto de Fadas: A Bela Adormecida	81
5.4.1 Caracterização da Época de Micael	84
5.4.2 Observações da Bela Adormecida	84
5.5 Reflexões de uma Observadora Participante.	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	93
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	94
ANEXOS	96

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado durante o segundo semestre de 2013 e a sua elaboração originou-se das vivências pedagógicas da pesquisadora ao longo de sua graduação e das reflexões sobre a bibliografia de que trata o tema. Nesse sentido, buscou-se identificar nos contos de fadas um importante instrumento pedagógico capaz de contribuir com o desenvolvimento infantil, vinculado à prática utilizada na Pedagogia Waldorf, na qual predominam os fundamentos da Antroposofia.

A primeira parte do trabalho diz respeito ao memorial da pesquisadora, no qual é possível compreender a sua trajetória pessoal e no curso de pedagogia, em especial, o seu interesse pelos contos de fadas e pela Pedagogia Waldorf, motivado por uma série de acontecimentos ao longo de sua vida.

A segunda parte de que trata este trabalho é a monografia propriamente dita, acerca do tema: *A contribuição dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil no âmbito da Pedagogia Waldorf*. Encontra-se organizada da seguinte forma: introdução, objetivos, cinco capítulos e considerações finais. Deve-se considerar que os três primeiros capítulos se iniciam com três diferentes histórias criadas pela autora deste trabalho durante o desenvolvimento dos capítulos mencionados. O processo de criação dessas histórias se deu de maneira espontânea, como uma alternativa, quando a teoria se mostrava de difícil compreensão, de tentar abordar o conteúdo através de uma escrita mais solta e criativa.

A terceira parte resume-se às perspectivas profissionais da pesquisadora, como pedagoga. Dentre o que foi mencionado, ressaltou seu interesse em desenvolver-se mais como profissional da educação, buscando, como suporte teórico-pedagógico, práticas inovadoras.



MEMORIAL

*Recriar cada momento belo já vivido e ir mais
Atravessar fronteiras no amanhecer e ao entardecer
Olhar com calma, então.
(Milton Nascimento)*

Sempre busquei o autoconhecimento e o diálogo a respeito da vida. Para minha surpresa, deparo-me com uma grande dificuldade em escrever este memorial e me questiono o por que: será resistência em olhar para trás ou de seguir em frente? Bem, espero encontrar a resposta até o fim do processo.

Vou começar do princípio de tudo: minha família. Meus pais casaram-se muito cedo, aos 21 anos, minha mãe já grávida da minha irmã mais velha, Renata, e um ano depois veio a Carolina. Passados quatro anos, esta família que morava em Belo Horizonte junto de seus parentes, precisou mudar-se para Porto Velho, Rondônia. Os relatos são de que o processo de adaptação foi bastante difícil, mas que com o tempo a família foi aprendendo a viver naquela terra distante e com costumes tão diferentes dos seus. Com as duas filhas já maiores, o casal planejou uma gravidez na expectativa de que viesse um menino. E, para a empolgação do pai, feito o ultrassom para saber o sexo do bebê, a médica afirmou que se tratava de um menino e um nome ele já tinha: Rafael. Por volta dos seis meses um novo exame foi feito e, para a surpresa de todos, aquela família ganharia mais uma menina, eu, Rafaela.

Nasci cercada de muito mimo e amor. Tinha duas irmãs envolvidas com a minha chegada e pais já com uma certa experiência. Tenho algumas memórias dos meus primeiros cinco anos, lembro-me da minha casa, de objetos, brinquedos e de *flashes* de algumas situações.

Quanto à educação escolar, essa jornada começou em Porto Velho ainda, quando eu tinha três anos de idade e foi no colégio Pitágoras, escola que minhas irmãs estudavam. Guardo boas memórias dessa escola e lembro do meu primeiro dia e da emoção de usar o uniforme igual ao das minha irmãs. Isso me alegrou. A escola tinha um prédio exclusivo para a Educação Infantil. Ao passar pelo portão já dava no pátio das salas e cada portal tinha uma cor diferente. Estudei primeiro na sala azul e depois na amarela. Dentro da sala, recordo-me do quadro, do alfabeto colorido pregado na parede, das carteiras e do cheiro de massa de modelar. A cartilha fazia parte da prática daquela escola e tenho uma forte lembrança da cartilha da letra R, acredito que em função do meu nome. Com quatro anos fazíamos contornos das letras e as tarefas já

vinham com desenhos impressos relacionados: lembro-me nitidamente do desenho do rato e do rei de Roma. Creio que o lanche era feito dentro de sala, mas recordo-me de um lanche no grande pátio e do quanto eu gostava deste momento. A organização era feita com muito prazer: abrir a lancheira, esticar a toalhinha bordada e dispor os alimentos em cima dela. O cheiro da minha lancheira ainda é forte na minha memória.

Depois de um ano e meio nessa escola, uma grande mudança aconteceu em minha vida: não só iria deixar aquela escola querida, como também minha casa e minha cidade. Em função do trabalho do meu pai, foi necessário mudarmos para Brasília.

Recordo-me pouco da chegada a Brasília, mas acredito que tenha mexido bastante comigo, afinal tratava-se de um mundo totalmente novo. Clima, arquitetura, sotaque e costumes diferentes dos que eu havia experimentado.

Fui estudar no colégio Inei do Lago Sul e não tenho boas recordações desta fase. Quando cheguei, estava no meio do semestre do ano da alfabetização e bastante atrasada com relação ao conteúdo trabalhado. Não me esqueço de logo no primeiro dia ficar chateada e de me sentir inferior aos colegas, pois eles já estavam estudando a letra J e eu só tinha estudado as vogais. Não foi fácil fazer amizade, e episódios como o de ser chamada pela professora para ir ao quadro resolver uma conta e não obter êxito, marcou essa escola como ruim. Meu tempo lá durou pouco.

Um ano depois, fui estudar no colégio Maristinha, onde cursei sete anos do Ensino Fundamental. Tenho boas lembranças dessa escola e minha melhor recordação são meus amigos. Fiz amizades que perduram até os dias de hoje. Gostava do espaço físico, da acolhida cantada e de brincar. Na verdade, meu maior interesse era brincar e minha dificuldade estava na conversa e desatenção em sala de aula. No período, minha família seguia a doutrina espírita e não via problemas com o ensino católico, pelo contrário, eles aprovavam o fato de nesta prática trabalharem, além dos conteúdos, os valores.

Dentro de cada sala tinha um pequeno armário recheado de livros que funcionavam como uma espécie de biblioteca particular. Toda sexta-feira, escolhíamos um livro para levar para casa e devolve-lo na semana seguinte. Li obras interessantes e descobri meu vício na série *Salve-se Quem Puder* e na turma do Gordo criada por João Carlos Marinho nos livros: *Sangue Fresco* e *O Gênio do Crime*. Gostava também de ler gibi da *Turma da Mônica* e a revista *Witch* que continha ao final de cada edição uma história em quadrinhos de aventura.

Nesta fase descobri uma paixão: os contos fantásticos. Comecei a ler a série *Harry Potter* que, na época, era só o que se falava. Meu grupo da escola também era fascinado por essa obra e as conversas não tinham fim. A cada capítulo lido emoções eram compartilhadas. Lembro que sonhava com as histórias e até brincava com meus amigos de faz de conta, isso aos doze anos de idade. A partir daí passei a entrar mais neste mundo fantástico e me vi completamente encantada por *Senhor dos Anéis* e *As Crônicas de Nárnia*. Com as produções cinematográficas destas obras passei a me envolver cada vez mais nesse mundo maravilhoso de fadas, duendes, elfos, bruxos, monstros, reinos e por aí vai.

Depois de nove anos e adaptada a Brasília, mais mudanças. Minha família passou por momentos conturbados, meus pais separaram-se e não estava sendo fácil para minha mãe lidar com essa situação. Como alternativa, ela decidiu que seria bom mudarmos para Salvador. Em função de toda a confusão emocional que eu estava passando, me empolguei com a ideia de morar numa cidade litorânea.

Minha vida mudou por completo, mais uma vez: a estrutura familiar a que eu pertencia tornou-se outra, agora meu pai tinha outra casa, minhas irmãs já estavam casadas e ao mudar para Salvador fomos morar eu, meu irmão caçula, Rodrigo, e minha mãe. No princípio foi complicado, mas fui aprendendo a viver naquela nova cidade e naquele novo lar.

Em Salvador estudei no colégio Anchieta, famoso por sua metodologia rígida e por sua grande aprovação nos vestibulares. Cheguei para cursar a oitava série do Ensino Fundamental e senti muita dificuldade para acompanhar o conteúdo dado. O esporte era pouco valorizado e os momentos de confraternização a que eu estava acostumada no Maristinha não mais existiam; o valor, agora, era dado apenas aos resultados obtidos nas avaliações. A leitura estava vinculada ao que seria cobrado no vestibular, não existia mais a autonomia de poder escolher um livro como nas bibliotecas particulares e isso me gerou algumas frustrações.

Concluir o Ensino Fundamental foi difícil, o Anchieta apresentava uma metodologia diferente da que eu estava acostumada. O conteúdo era extenso e não existia avaliação de trabalhos, apresentações, vivências etc, apenas as provas. A aplicação da prova, inclusive, era desagradável para mim. Existia toda uma pressão: carteiras espaçadas, fiscais e cartão de resposta. Desconhecia todo esse ritual. Como consequência, no final da oitava série foi preciso fazer algumas recuperações e por pouco não reprovei.

Consegui me adaptar a Salvador, fiz boas amizades e festinhas passaram a fazer parte da minha vida. Um novo mundo de abrira para mim e eu estava gostando. Entretanto, precisei lidar com algumas consequências desagradáveis. Com as novas experiências, os estudos ficaram para segundo plano e, no fim do ano, o resultado: reprovada. Sim, seria necessário cursar o primeiro ano novamente. Sentimentos de inferioridade e incapacidade predominaram em mim e, durante algum tempo, senti resquícios desta amarga experiência.

Depois de dois anos em Salvador, meus pais reataram e decidiram voltar para Brasília. Novamente, mudanças. Mas, pelo menos dessa vez, mudaria para um lugar já conhecido. Não consegui voltar para o Marista e, como o vestibular estava se aproximando, acharam prudente tentar, mais uma vez, uma escola conteudista e com a prática voltada para a aprovação no vestibular. Fui estudar no colégio Leonardo Da Vinci. Receios de lidar com a recente reprovação e inseguranças fizeram parte deste momento, mas tive minha família para me apoiar.

Meus dois anos de Leonardo trouxeram novas experiências, novas amizades e uma exigência na escolha profissional. Até então, havia pensado pouco a respeito e quando me foi perguntado o que eu mais gostava de brincar quando criança, passei a pensar na Pedagogia. Na minha infância, a brincadeira de que mais gostava era de escolinha, tinha um quadro de giz que eu pendurava na parede e organizava a sala com mesa e cadeira, elaborava atividades e quando algum familiar aceitava, era feito de aluno. Quando não, sem problemas, brincava sozinha do mesmo jeito. Ao recordar isso, passei a considerar a possibilidade de me tornar professora. E, nesse período, tive a oportunidade de trabalhar como voluntária em um projeto social como monitora e pude acompanhar as crianças em suas atividades. Com esta experiência, pude ter mais certeza que cursaria Pedagogia. Todavia, preconceitos por parte de colegas e receios pessoais me fizeram cogitar cursar Psicologia.

No vestibular tradicional e no PAS marquei a opção Psicologia e não consegui a pontuação suficiente. Não cheguei a fazer processos seletivos em faculdades particulares, pois minha intenção e grande sonho estava em estudar na UnB. Entrei, então, num cursinho pré-vestibular e vivi cinco meses de muita ansiedade e nervosismo. A pressão do curso aliada ao medo de não conseguir passar em Psicologia, trouxe a Pedagogia como uma possibilidade, novamente. Na intenção de me ajudar, minha irmã Renata mostrou-me o currículo do curso de Pedagogia da UnB

e ao ler os nomes das disciplinas, não tive dúvidas. Decidi pelo curso que ainda pequena, ao brincar, eu já havia escolhido: seria professora.

Analiso o dia do resultado do vestibular como um marco em minha vida. A emoção de ver meu nome na lista trouxe a tona uma gama de sentimentos e, principalmente, a realização de alcançar algo que não me foi dado e sim conquistado, gerando em mim significativas mudanças. A aprovação na Universidade de Brasília não trouxe apenas a certeza de uma boa graduação, mas também, o sentimento de superação e de ser capaz, abalados ao longo da minha trajetória escolar.

O primeiro semestre foi de encantamento. Lembro-me do primeiro dia de aula, no Pavilhão João Calmon, da sensação de ir andando até a Faculdade de Educação e passar pelo minhocão: tudo era belo! As cadeiras quebradas, a pintura desgastada e o piso esburacado faziam parte daquela bela paisagem, eu estava apaixonada. E assim foi no decorrer de todo o semestre. As primeiras disciplinas foram de áreas variadas, entrei em contato com a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Filosofia e Artes. Pude tomar conhecimento da riqueza que é a área da Pedagogia e da possibilidade de apropriar-me de conceitos e experiências de diferentes âmbitos. Ao mesmo tempo em que me via fascinada pelo que estava aprendendo, passei a questionar o que era debatido acerca das práticas pedagógicas. Percebi, então, que não concordava com muito do que era falado e comecei a refletir se existia algo diferente.

Ainda no primeiro semestre, no último mês, um professor cedeu sua aula para irmos a uma palestra a respeito da Pedagogia Waldorf. Estavam presentes duas professoras desta prática e o médico escolar. Médico escolar? Logo interessei-me por aquela escola com cargo que nunca havia ouvido falar. A palestra durou cerca de uma hora e eu estava tão envolvida com tão belos relatos que não me dei conta do tempo. As professoras nos contaram de onde veio essa pedagogia, o que busca e como se dá o trabalho, e ainda realizaram uma atividade para compreendermos melhor. Foi meu primeiro contato com a Pedagogia Waldorf.

Durante a graduação pude cursar várias disciplinas interessantes, responsáveis por despertar minha consciência e meu espírito crítico. Os professores, verdadeiros mestres, souberam conduzir e apresentar conceitos, obras e ferramentas que foram de fundamental importância para a construção do meu eu educadora. Dentre as quarenta disciplinas cursadas, quatro tiveram maior significância no meu aprendizado. A disciplina *O Educando com Necessidades Educacionais Especiais* mostrou-me que todos apresentamos particularidades e somos especiais, logo no primeiro dia de aula,

ao sermos instruídos pela professora a pesquisar o significado das palavras alteridade e altruísmo. *Processo de Alfabetização* me fez compreender que a verdadeira leitura está no olhar, no sentir e no cheirar. Percebi que esse processo se dá ao nos alfabetizarmos no mundo, lendo-o. *Enfoques Psicopedagógicos das Dificuldades de Aprendizagem* trabalhou conceitos importantes acerca de diagnóstico e desenvolvimento humano. A experiência de acompanhar uma criança abrigada com traços de psicose, proporcionou-me mecanismos de compreensão dos sujeitos e de suas particularidades. Por fim, *Ensino de História, Identidade e Cidadania* conscientizou-me dos valores e perspectivas estereotipadas dos negros e o quanto as práticas pedagógicas têm contribuído para essa visão enviesada da cultura negra. Compreendi a importância de promover o reconhecimento desta cultura como também formadora da identidade cultural brasileira.

Demorei dois semestres para encontrar um projeto no qual eu me interessasse e a espera foi, sem dúvida, valiosa. Ao me informar a respeito do *projeto 3 – Práticas Pedagógicas Inovadoras*, ofertado pelas professoras Maria Alexandra Rodrigues e Fátima Vidal, tive certeza de que naquele espaço eu iria me encontrar. E não foi diferente do que pensei. Na primeira fase, fui acompanhada pela Fátima e pude conhecer, estudar e vivenciar um pouco da prática pedagógica da Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, da Casa dos Pássaros, da Escola da Ponte, da Escola Municipal Desembargador Amorim Lima e da United World Colleges. Na segunda fase, sob orientação da Maria Alexandra, pude aprofundar meus estudos acerca da Vivendo e Aprendendo e observar semanalmente as crianças, os educadores, os dispositivos, as intervenções, enfim, a prática pedagógica daquela escola. A experiência foi engrandecedora para a minha formação docente e pude utilizar, mais tarde, em outros ambientes escolares, os dispositivos aprendidos na Vivendo. O projeto foi fundamental não apenas por possibilitar a vivência de práticas inovadoras mas, principalmente, por criar um espaço terapêutico, de troca, onde eu podia, sem receios, expor angústias e realizações. E, o melhor, ser compreendida.

Durante os últimos dois anos de graduação, senti a necessidade de estar em contato com a prática pedagógica, na intenção de adquirir experiência e certificar-me se realmente gostaria de atuar como professora. No primeiro ano, estagiei na Escola Paroquial Santo Antônio, de metodologia tradicional baseada em princípios católicos. Atuei como auxiliar de classe de uma turma da Educação Infantil e alguns preconceitos que eu tinha com relação àquelas práticas tradicionais foram

desconstruídas. Contudo, novos questionamentos surgiram. A segunda experiência foi minha primeira oportunidade de atuar numa escola inovadora, o que aconteceu no início deste ano. Assim, iniciei meu processo de estágio, como auxiliar de classe do Jardim de Infância na Escola Waldorf Moara. Lá, pude comprovar o valor dado ao amplo desenvolvimento da criança e o cuidado em lidar com as diversas questões que abarcam esta fase. Um novo mundo se abriu para mim. Ganhei mais autonomia com as crianças e pude crescer como educadora. Todo o processo de estágio foi gratificante. Afinal, estive em contato com a Educação Infantil que tanto almejava.

A escolha do meu tema aconteceu no fim do ano de 2012, enquanto eu assistia no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), ao musical de José Mauro Brant e Tim Rescala, *Era um vez...Grimm*. Minutos antes do espetáculo começar, aproveitei para ler algumas informações no encarte distribuído (anexo). E foi ali, naqueles minutos, que me apaixonei pela grandiosidade dos contos de fadas. Não tinha noção do poder contido nessas narrativas até ler um trecho de Bruno Bettelheim, autor de *A psicanálise dos contos de fadas*, onde é relatado a importância das crianças escutarem os contos, pois, só ao conhecer exemplos de maldade e sofrimento ela aprenderá a lidar com suas inseguranças e seus instintos destrutivos. Achei complexo e, ao mesmo tempo, encantador. Ao terminar a leitura, comentei alegremente com meus familiares “meu tema chegou pra mim”. E, devido à importância dada à narração dos contos de fadas para as crianças na Pedagogia Waldorf, e, claro, à minha curiosidade por esta prática, foi possível conciliar os dois interesses e desenvolver meu tema.

Satisfeita, chego ao fim do processo. Reviver toda essa trajetória não foi fácil. Existiram momentos em que eu precisei parar, apagar, respirar e reescrever. Agora compreendo a dificuldade em começar, tratava-se da minha resistência em revisitare algumas dores existentes no caminho. Foi um processo terapêutico, de coragem e enfrentamento. Consegui. Sinto-me leve e contente por tudo que foi vivido, pois cada situação, cada memória, cada mudança, cada emoção, serviu para formar a Rafaela que sou hoje. *Sou grata*.

*Viajar nessa procura toda de me lapidar
Nesse momento agora de me recriar, de me gratificar
Te busco alma, eu sei.
(Milton Nascimento)*



PARTE II

INTRODUÇÃO

No início dos tempos, o conhecimento era transmitido de forma oral pelos homens primitivos em volta do fogo. Tradicionalmente, esse momento, no qual a experiência era partilhada entre aquele povo, reafirmava sua identidade e a palavra estabelecia vínculos entre os homens que a proferiam. Assim, a humanidade depositou nas histórias suas experiências e, através delas, criaram-se os elos entre o passado e o futuro, preservando a memória e a transmissão das descobertas de uma geração para a outra.

Os contos de fadas surgiram da imaginação dos homens, e não se sabe precisar quando e onde ocorreu pela primeira vez. Acredita-se que tenha ocorrido muitos séculos antes da era cristã, e até o desenvolvimento da escrita, os contos foram transmitidos oralmente de geração a geração. Na Grécia antiga, relatava-se que os contos de fadas estavam vinculados à educação das crianças porque lidavam com conteúdos de sabedoria popular, os quais eram essenciais à condição humana. E desde lá, os contos de fadas perpetuaram-se como importantes até os dias atuais.

Os contos de fadas, quando presentes na ação educacional, propiciam à criança o emprego de *imagens conceituais*, as quais possibilitam desenvolver profundas raízes no mundo da imaginação. O mesmo acontecia no início dos tempos, quando as sociedades tradicionais, através das histórias narradas, vislumbravam o seu passado e futuro (PASSERINI, 2004).

Na Pedagogia Waldorf é afirmado que os contos de fadas promovem em cada criança a capacidade de encontrar seu verdadeiro sentido na vida, através do resgate da fantasia e da imaginação. Para esse momento, a hora do conto, é criado um ambiente especial para as crianças. As professoras apagam as luzes da sala de aula, as crianças ficam em círculo, e no meio da roda, uma vela é acesa. A história é narrada pela professora, pois ao narrar, é promovida uma relação íntima entre a professora e os alunos, onde ela pode perceber a respiração, expressão e movimentos das crianças. À medida que a criança vai escutando a história, ela vai construindo suas próprias imagens.

A motivação de realizar este trabalho no âmbito da Pedagogia Waldorf, especialmente, quanto aos contos de fadas, nasceu da experiência de dois anos de trabalho dedicados à Educação Infantil, sendo o primeiro ano numa escola tradicional,

onde os contos de fadas pouco eram utilizados; e no segundo ano, numa escola Waldorf, onde os contos são utilizados e valorizados. Quando comecei a comparar aquela prática com esta última, algo me chamou atenção: a hora do conto possuía um efeito mágico, e as crianças se envolviam com a história narrada. Era perceptível que toda a agitação e disposição para brincar de que toda criança possui, dava espaço aos contos de fadas narrados pela professora. Eles ficavam tranquilos e sua atenção totalmente voltada às histórias.

Em seguida, vieram perguntas à minha mente, e então, além da curiosidade sobre essa prática pedagógica, passei a fazer questionamentos, como: o que de especial existe nos contos de fadas lidos para as crianças? O que está contido neles? Por que eles são usados e quais suas características? Quais suas contribuições ao processo de desenvolvimento e educação?

Nesta pesquisa, será analisada a contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento infantil a partir da visão pedagógica de Rudolf Steiner, a Pedagogia Waldorf. Nessa concepção, a narração dos contos de fadas é utilizada como importante instrumento pedagógico que estimula a criatividade, a sensibilidade e aguça os diversos sentimentos existentes na criança - virtudes indispensáveis que favorecem a formação moral dos indivíduos em sua infância, e que representa, ainda, um dos principais eixos organizadores desta educação.

Desta forma, esta pesquisa foi dividida em cinco capítulos, os quais abordaram importantes aspectos relacionados à Pedagogia Waldorf, aos contos de fadas e ao desenvolvimento infantil, conforme a seguir.

O primeiro capítulo trata da Antroposofia – filosofia elaborada por Rudolf Steiner, na qual se fundamentam os princípios norteadores da Pedagogia Waldorf e suas concepções acerca do desenvolvimento humano. Por fim, considera o surgimento da Pedagogia Waldorf.

O segundo capítulo aborda a definição dos contos de fadas, assim como sua trajetória e suas características estruturais, seguidos de sua importância e seu significado no desenvolvimento infantil. Considera, ainda, a maneira pela qual os contos de fadas são trabalhados no jardim de infância Waldorf.

O terceiro capítulo preocupa-se com a importância dos contos de fadas no processo do desenvolvimento infantil, destacando suas contribuições à luz da Antroposofia, da psicanálise e da psicologia analítica.

O quarto capítulo descreve e caracteriza a metodologia utilizada nesta pesquisa, em relação a abordagem, ao método e ao instrumento utilizado. Além disso, considera o contexto escola-aluno como essenciais na elaboração do diário de bordo, via observação participativa.

O quinto capítulo aborda três contos de fadas trabalhados em sala, os quais traduziram as reflexões e impressões da pesquisadora quanto ao que ela observou na *hora do conto* – momento em que são narrados os contos de fadas.


OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar as contribuições dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil no âmbito da Pedagogia Waldorf.

Objetivos Específicos

- Identificar os fundamentos da Pedagogia Waldorf que contribuem para a compreensão do desenvolvimento infantil;
- Investigar o surgimento, as trajetórias, as características, o significado e a importância dos contos de fadas;
- Refletir acerca do fazer pedagógico com contos de fadas na Pedagogia Waldorf: épocas, periodicidade, ambiente e narração;
- Explorar as aproximações existentes entre a Pedagogia Waldorf, a Psicanálise freudiana e a Psicologia Analítica junguiana em relação aos contos de fadas.



CAPÍTULO I

Os Quadrímembros Amigos

Era uma vez, num planeta muito distante, quatro grandes amigos que adoravam brincar juntos. O mais velho deles, chamado de Mineral, era valorizado por sua força de rocha. Gostava de levar uma vida simples e, às vezes, os amigos abusavam um pouco dele. Mas isso é porque ele era o mais paciente de todos. O segundo, chamado de Vegetal, era conhecido por suas cores e formas. Ele era bastante criativo e gostava de desenhar pequenas flores e grandes árvores. Todos comentavam o quanto ele era vivo, pois crescia, morria, reproduzia e regenerava. O tempo, para ele, era importante. Tudo o que fazia tinha um tempo diferenciado e não adiantava apressá-lo, só se fosse para um passeio junto ao sol ou à chuva. O terceiro era um tanto sentimental. Seu nome era Animal. Ele sentia e reagia a tudo que acontecia com seus amigos. Sua sensibilidade fazia com que os seus instintos variassem dos mais primitivos aos mais nobres. Mas, na maior parte do tempo, ele era alto astral. O último, o Humano, compreendia muito bem os seus amigos. Ele era consciente de suas ações e pensava cautelosamente sobre suas escolhas.

Certo dia aconteceu que os quatro amigos não estavam mais conseguindo brincar juntos. O planeta em que eles moravam estava pequeno demais e todo aquele aperto gerava muitas desavenças. Triste com o que se passava, Animal começou a gritar e correr. O Humano ficou muito conturbado com toda aquela confusão e, de repente, teve uma brilhante ideia: que tal se a gente criasse um planeta que em coubéssemos todos nós? Naquele instante os demais pararam e o silêncio tomou conta do espaço. Uma empolgação foi tomando conta do ambiente e muitas ideias

começaram a surgir. Resolveram, então, se organizar para a missão.

Passado um tempo, depois de muito trabalho, havia chegado o grande dia da inauguração. Cada um faria o trabalho individualmente, pois se tratava de um trabalho muito engenhoso. Começou pelo mais velho, Mineral, ele que criou a estrutura física. O formato e os elementos químicos. Formaram-se mares, rios, lagos, montanhas e rochas. Vegetal, como adorava desenhar, tratou de fazer muitas flores e muitas árvores para o novo planeta. Ele decorou tudo. O terceiro inventou seres dos mais variados tamanhos, cores e formatos. E lhes deu o nome de animal, é claro. Sentimental do jeito que era, gostaria de ser lembrado. O último pediu a ajuda dos mais velhos, pois sua invenção era bastante complexa. Ele inventou o ser humano. Com características peculiares e exclusivas.

E assim, o novo planeta foi criado. E o nome seria em homenagem ao mais velho, que foi o responsável por toda a estrutura. Pensaram em muitos nomes até que Homem sugeriu Terra e todos gostaram. Depois de escolhido o nome, eles se mudaram. Carregaram o planeta para perto do sol e lá passaram a viver e a brincar. Felizes eu não sei se para sempre. Mas, em muitos momentos, sim.

1 A PEDAGOGIA WALDORF E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA À LUZ DA ANTROPOSOFIA

A Pedagogia Waldorf, cuja atuação se fundamenta na Antroposofia, concentra-se no valor atribuído aos aspectos espirituais existentes nos indivíduos, e no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo das crianças. Por esse motivo, é considerada uma prática pedagógica inovadora. Cabe ressaltar que a espiritualidade tratada por essa pedagogia não diz respeito a questões religiosas, e sim, ao entendimento do ser humano como matéria e espírito, logo, esse indivíduo será enxergado de forma plena.

Assim, este capítulo conceituará a Antroposofia, bem como os seus fundamentos acerca da *concepção quaternária e trimembrada*. Explicará como são concebidos os *setênios*, destacando o *primeiro setênio*. Isso possibilitará a compreensão do surgimento e dos pressupostos que organizaram e corroboraram para a criação da Pedagogia Waldorf.

Por fim, procedemos a um breve histórico desta pedagogia, apresentando as singularidades de sua proposta. Vale destacar que a ênfase desta pesquisa sobre a Pedagogia Waldorf é a Educação Infantil, em especial o jardim de infância, onde os contos de fadas estão presentes no dia a dia dos alunos. Motivo pelo qual nos reportamos à educação no primeiro setênio.

1.1 A ANTROPOSOFIA

A Antroposofia – palavra derivada do grego *anthropós*, homem, e *sophia*, sabedoria – foi definida por seu fundador, Rudolf Steiner (1861-1925), como “*um caminho de conhecimento capaz de dar respostas rigorosas e comprováveis a todos os campos relacionados ao homem e ao seu mundo*” (F.E.W.B., 1998), e caracterizada como método, prática, filosofia e ciência que abarca um sistema abrangente, por integrar os conhecimentos do mundo espiritual e do mundo material, sendo assim conceituada:

A Antroposofia procura responder às perguntas mais profundas do homem por meio da razão, porém sem negar-lhe os anseios espirituais. Possibilita novas perspectivas ao ser humano na ampliação de suas faculdades mentais, elevando sua percepção e seu pensar a outras dimensões. Considerando o homem uma síntese de todo o Universo, postula a

existência de uma realidade não-física ou espiritual do ser humano e do Universo, dimensão que permeia e transcende a física (PASSERINI, 2004, p.31).

Tal conceituação evidencia o valor dado pela Antroposofia ao aspecto espiritual. Os estudos superiores de Steiner foram realizados na Filosofia, na Matemática e nas Ciências Naturais, mas sua abertura aos conhecimentos espirituais se deu por meio de um estudo aprofundado das obras científicas do pensador alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que desenvolveu o método “*trazer consigo, no rumo do espírito, toda a plenitude do mundo*” (PASSERINI, 2004). Com isso, Goethe buscou transcender o físico ao relacionar o conhecimento acerca das forças vitais com o processo de desenvolvimento do organismo.

1.1.1 A Constituição Humana: A Concepção Quaternária

A constituição do ser humano, bem como o seu desenvolvimento, é permeado por um vasto estudo científico, porém muitos desses estudos trataram apenas das questões físicas do homem. Por outro lado, a Antroposofia aprofundou-se nas questões que valorizassem o conhecimento interior e espiritual do indivíduo, e por esse motivo é preciso ter um olhar sensível e investigativo para que seja possível penetrar profundamente na natureza humana.

Para a Antroposofia, a compreensão acerca da *entidade humana* é constituída de forma quaternária, e sua composição se dá por três membros corporais mais o eu. Logo, quaternariamente, a entidade humana é formada pelo *corpo físico*, *corpo etérico*, *corpo astral* e o *eu*. Passerini (2004) esclarece que essa compreensão de homem se estrutura a partir do que ele tem em comum com os reinos da natureza, até chegar ao que ele possui de distinto, de peculiar: o seu eu.

Nesse estudo aprofundado, Rudolf Steiner mostra como o homem contém em si cada reino da natureza. Assim, o reino mineral está presente no homem, os ossos e em toda a estruturação do corpo físico. O reino vegetal se manifesta no homem através dos processos vitais presentes nos líquidos humorais, e sangue, similares à seiva na planta. Por sua vez, o reino animal está no homem em seus instintos e sensações. Porém, o princípio de liberdade individual, de autoconsciência, só existe no reino humano e isto torna o homem um ser pertencente, simultaneamente, ao reino natural-físico e ao espiritual, portanto, sujeito às leis de ambos (F.E.W.B., 1998).

Desta forma, o *reino mineral* é associável ao *corpo físico*, pois ambos representam o que há de denso e estrutural em sua forma física. Ao exemplificar, podemos pensar numa pedra ou qualquer outro mineral, que está sujeito às forças e leis físico-químicas. Analogamente, o corpo físico está sujeito às mesmas forças do meio que o cerca, ou seja, o espaço.

O *reino vegetal*, por sua vez, é compreendido pela existência da vida, o que o associa ao segundo membro, o *corpo etérico* ou *vital*. Nesse reino a existência é permeada pelo espaço e pelo tempo. A vida se manifesta por meio do crescimento, da reprodução e do metabolismo. A Antroposofia considerou que os seres orgânicos possuem além do corpo físico, um corpo que é responsável pelos processos vitais. Assim o corpo etérico é o plasmador do corpo físico, e sua função é atuar na formação dos órgãos e da estrutura física humana.

O *reino animal* é caracterizado pela manifestação da consciência, aliada às questões vitais e da forma física, ou seja, dos reinos vegetal e mineral. Sabendo que a planta vive num estado permanente e que o animal alterna seu estado entre vigília e sono, podemos inferir que, nesse reino há algo diferente que é a capacidade de reação ao mundo externo, por meio de impulsos e instintos. Segundo a ciência antroposófica, essas características existem graças à existência do *corpo astral* ou *anímico*. Nos seres humanos, o corpo astral é o responsável pelos sentimentos.

O quarto membro, o *eu*, é exclusivo da entidade humana. É o mais sutil entre todos os membros. Torna capaz o ser humano, levando este a pensar analiticamente, a imaginar o mundo, a ter consciência de si próprio e fazer escolhas. Esse membro é o portador da *alma humana superior*, e através dele, o homem pode atuar sobre todos os outros corpos.

De acordo com a Antroposofia, os membros existem, porém não estão prontos na ocasião do nascimento. O que realmente nasceu foi apenas o corpo físico, ao ser cortado o laço que unia a criança ao corpo da mãe. Os demais corpos já existem, porém estão revestidos por um envoltório, como estava o corpo físico, no ventre da mãe. No processo de desenvolvimento, os corpos são liberados e nascem, podendo a partir dali, atuar de maneira autônoma no mundo. Lanz (2004) concluiu que há quatro nascimentos: o do corpo físico ao nascer, o do corpo etérico aos sete anos, o do corpo astral aos catorze anos e o do eu aos vinte e um anos.

1.1.2 A Concepção Trimembrada: Pensar, Sentir e Querer

Ao analisar as *atividades anímicas* do homem, Rudolf Steiner concluiu que na alma dos seres humanos existem três dimensões: o biológico, o psicológico e o espiritual. De forma mais apurada, o desenvolvimento dessas dimensões acontecerá de maneira *trimembrada*, ou seja, individualmente e por etapas: o pensar, o sentir e o querer.

Procurando analisar as várias atividades anímicas do homem, Steiner chegou à conclusão de que seu número pode ser reduzido a três: o pensar – ao qual se deve juntar percepção sensorial e a memória –, o sentir e o querer. Não existe atividade anímica que não se englobe, em última análise, numa dessas três áreas. (LANZ, 2004, p.30).

Desta forma, a *dimensão biológica* diz respeito ao desenvolvimento orgânico de ascensão e declínio do indivíduo, por meio do amadurecimento, do equilíbrio e do envelhecimento. A *dimensão psicológica* é responsável pelos sentimentos, pensamentos e impulsos ligados à volição – onde há determinação da vontade. A *dimensão espiritual* tem como foco a alma humana superior, responsável por dar significado à vida. É a escolha, é a definição de normas e valores, é a individualização. Para que ocorra a realização do eu, devem-se considerar as três dimensões mencionadas.

Segundo Lanz (2005), há no ser humano três veículos de expressão: o corpo, as emoções e a mente. Suas funções são relacionadas e/ou atribuídas ao querer, ao sentir e ao pensar que devem ser desenvolvidas durante os primeiros vinte e um anos do indivíduo. Cabe destacar que para esta pesquisa, será mencionado em primeiro lugar o querer, por fazer parte do primeiro setênio.

Durante os sete primeiros anos, é predominante a ação do querer, pois a partir dele a criança desenvolve o controle de seus movimentos e de sua fala, devido ao esforço volitivo. Nessa fase, é perceptível o impulso da vontade, que a faz iniciar a sua individualidade no mundo. O pensar está diretamente ligado à observação sensorial e ao conhecimento geral. Enquanto o sentir, permite vivenciar os sons, as cores, os odores, as formas, as temperaturas e os sabores.

Passerini (2004) concluiu que a experiência das três dimensões da alma, o pensar, o sentir e o querer podem ser entendidos a partir do impulso da vontade que permite estabelecer contato com algum aspecto do mundo – o querer; esse

envolvimento tem uma carga de emoção – o sentir; por último, o processo de cognição que estrutura o conceito – o pensar.

1.1.3 O Primeiro Setênio

A concepção antroposófica desenvolvida por Rudolf Steiner envolveu a teoria dos setênios. Ela consiste na divisão da vida humana em ciclos de aproximadamente sete anos. Sua elaboração ocorreu a partir da observação dos ritmos da natureza e sua divisão veio da sabedoria antiga - de quando as sociedades humanas tinham o costume de dar um significado ritualístico às passagens dos setênios. A respeito deste conceito, Passerine afirma que:

No transcurso do desenvolvimento de qualquer organismo vivo, verificam-se ritmos. Em relação ao desenvolvimento humano, o ritmo é setenial, ou seja, cada fase possui características próprias que se modificam, se metamorfoseiam aproximadamente a cada sete anos, quando o homem passa a ter uma nova percepção de si e do próprio mundo. Os períodos seteniais são definidos pela articulação do ser do homem, e não por uma dimensão exterior. É da membração de seus corpos que se caracterizam as fases (PASSERINE, 2004, p. 40).

Como sugere o termo, a duração dos setênios é de sete anos, no entanto, podem haver variações em função de diferenças sócio-culturais, e outras, devidas ao aceleração das características de cada etapa do desenvolvimento humano. Segundo Rudolf Steiner (apud LANZ, 1998), em cada um desses ciclos, um determinado membro da entidade humana se desenvolve de maneira pronunciada.

De acordo com a Antroposofia, o homem possui, desde o seu nascimento, quatro membros: o corpo físico, o corpo etérico, o corpo astral e o eu; porém, a Antroposofia considera que ao nascer, o único corpo que realmente nasce é o corpo físico. Logo, o desenvolvimento gradual de cada um dos demais membros do ser humano corresponde ao seu processo de amadurecimento, que diz respeito ao contato com o mundo e, por consequência, ao seu aprendizado. Esse processo leva vinte e um anos, mas pode durar a vida toda, uma vez que o eu deve percorrer sucessivamente todos os seus membros e neles, desenvolver algum tipo de aprendizado.

A respeito do primeiro setênio - foco principal desta pesquisa, as forças da individualidade estão localizadas na cabeça (polo superior do corpo) e a tarefa nesse período é crescer e desenvolver os órgãos físicos que estão sendo formados, e tornar

independente o pensar. Com o nascimento, será iniciado o trabalho da individualidade na criança, e esse se apropriará do corpo herdado, moldando-o e reestruturando-o conforme suas peculiaridades interiores.

A criança refina seu instrumento físico, que é a corporalidade. Essa transmutação significa, aos poucos, a eliminação das substâncias herdadas, desde as células mais microscópicas, até os dentes, que é a parte mais dura do corpo. Isso tornará a criança cada vez mais autônoma.

Nos primeiros anos de vida, a tríade composta pelo corpo, pela alma e pelo espírito formam uma unidade na criança. Nessa fase, o corpo etérico constitui-se como o elemento mais importante, pois exerce sua influência por meio da cabeça, e à medida que a criança se desenvolve, seu organismo também o faz e os períodos de vigília aumentam, logo, a criança passará mais tempo acordada e consciente. Assim, gradativamente a tríade será desfeita. Porém, enquanto essa unidade existir, as crianças ficam entregues aos seus processos vitais – alimentação, sono, movimentos descontrolados.

De acordo com Passerini (2004, p.45), a criança pequena vive um estado que se caracteriza pela ingenuidade, abertura e confiança em relação ao mundo, acolhendo, sem resistência anímica, todas as impressões de que o mundo lhe proporciona; assemelha-se, pois, a um grande órgão sensorial. Isto porque, nesta fase, ela absorve inconscientemente, não apenas o que existe fisicamente ao seu redor, mas também as emoções que a circundam, o caráter e os sentimentos das pessoas que convivem com ela. Toda essa absorção é feita pelo corpo etérico, e essas influências do meio geram efeitos profundos sobre a organização física e psíquica da criança.

Passerini exemplifica o que foi tratado anteriormente ao afirmar que a criança

Responde à realidade exterior com empatia, com imitação, com repetição. A vida intelectual se inicia quando ela aprende a falar imitando. É também imitando que ela apreende o comportamento humano e cria as bases para o seu comportamento moral. As experiências nessa primeira fase centralizam-se na relação com o mundo exterior, que transcorre de fora para dentro (PASSERINI, 2005, p.46).

O ambiente permeia a criança na medida em que ela, inconscientemente, imita o que percebe ao seu redor. Com o passar do tempo, essa imitação torna-se consciente, e a criança imitará familiares, brincará de ser algum profissional e o impulso da imitação será baseado na identificação.

A vida rítmica e o acolhimento dado à criança, por meio do amor, desenvolverão nela o sentimento de autoconfiança, e a vivência de que “*o mundo é bom*”. Esse julgamento tem origem nos fundamentos da humanidade postulados por Platão, a saber: a bondade, a beleza e a verdade. O pensador afirmou que para o desenvolvimento pleno do indivíduo, é necessário que ele vivencie o mundo através desses fundamentos (PASSERINI, 2005). O primeiro fundamento é o ideal para a criança durante a vida pré-escolar, que corresponde ao primeiro setênio, pois, vive-se, principalmente, o corpo e por isso a criança deverá sentir, inconscientemente, a emoção contida na afirmação de que o mundo é bom. Isso constituirá um sentimento quase religioso. Steiner (apud LANZ, 2005, p.43) chamou essa atitude de *religiosidade corporal*.

Por volta dos três anos de idade, o corpo etérico estará inteiramente ligado ao corpo físico. Nessa fase, a parte do corpo etérico correspondente à cabeça começa a se libertar. Surgirão os primeiros traços de memória e inteligência. As impressões sensoriais, que até esse momento haviam penetrado diretamente no corpo etérico para exercer seu efeito plasmador, abrirá espaço para que essas impressões sejam agora, armazenadas na forma de memória, e à medida que isso for acontecendo fará surgir a primeira consciência do próprio eu, pois a criança, que até este momento havia falado de si própria na terceira pessoa, passará a empregar o pronome eu, caracterizando sua primeira autoafirmação. Conseqüentemente, o corpo etérico tornar-se-á autônomo, do nascimento até os sete anos. A inteligência e a memória desenvolver-se-ão até a época da troca dos dentes, indicando que está chegando a fase da escolaridade.

1.2 BREVE HISTÓRICO DA PEDAGOGIA WALDORF

Para que pudéssemos compreender como surgiu a Pedagogia Waldorf e sob quais aspectos e princípios sua prática foi norteada, foi necessário tratar da Antroposofia e seus fundamentos. A seguir, o histórico da Pedagogia Waldorf.

Após a Primeira Guerra Mundial, a Europa atravessou um período marcado por adversidades e transformações políticas, geopolíticas, demográficas, econômicas e sociais. A Alemanha, embora totalmente destruída e sujeita às condições escritas no *Tratado de Versalles*, foi reconstruída aos poucos sob o olhar de um futuro com novas orientações. Nesse contexto, Rudolf Steiner definiu que as causas dos acontecimentos

político-sociais estavam ligadas a estrutura do organismo social e propôs uma reestruturação com base nos resultados de pesquisas científico-espirituais (LANZ, 2005).

No estado de Wüttemberg, Alemanha, o movimento em favor do futuro impulsionou tentativas de autogestão e iniciativas de cidadania a partir dos princípios da Trimembração do Organismo Social, que consistiu em revalorizar os impulsos da Revolução Francesa, como diretrizes das funções sociais: a liberdade, ao reger a vida cultural-espiritual dos indivíduos; a igualdade, ao fundamentar a questão jurídico-legal; e a fraternidade, ao sustentar a atividade econômica (PEREIRA, 2006). A respeito desse princípio, Lanz (2005) esclarece que a vida em sociedade é vista por três parâmetros:

- o setor econômico, cuja finalidade é satisfação das necessidades materiais do homem, e só a cooperação fraternal de todos pode conduzir a uma vida econômica sadia. Não existindo a ideia de lucro;
- o setor político-jurídico, que aplica as regras reguladoras do convívio humano onde cada cidadão participa por meio de um regime democrático baseado no princípio da igualdade;
- o setor cultural, que inclui todas as atividades das quais o ser humano realiza, como indivíduo anímico-espiritual, prevalecendo o respeito pela individualidade e o princípio da liberdade.

Desta forma, a criação da Pedagogia Waldorf, ocorreu diretamente relacionada ao impulso social da trimembração.

O diretor da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria, em Stuttgart, Alemanha, era comprometido com o movimento da Trimembração do Organismo Social, e pediu a Steiner que o ajudasse com o desenvolvimento do trabalho de seus operários. Assim, palestras sobre temas sociais e educacionais foram proferidos àqueles trabalhadores a fim de que pudessem conhecer melhor o propósito específico de seu trabalho e, desse modo, desenvolver uma relação mais humana. O resultado foi positivo e, como consequência, surgiu entre os trabalhadores o desejo de que seus filhos recebessem uma educação escolar adequada.

Por esse motivo, o diretor da fábrica dirigiu-se a Steiner e pediu-lhe que o ajudasse a elaborar, segundo sua concepção sócio-antroposófica, uma escola para os filhos de seus operários. Escolhidos os professores dentre os jovens antroposóficos,

Steiner ensinou-lhes intensamente sobre pedagogia, didática e metodologia, para então, elaborar sua proposta pedagógica. Em setembro de 1919, começou a funcionar a primeira Escola Waldorf, que curiosamente foi instalada dentro da fábrica de cigarros, logo, o porquê de ter recebido o nome de Pedagogia Waldorf.

A escola obteve êxito, e conseguiu exercer os princípios básicos idealizados de autogestão com crianças de qualquer procedência, capacidade, raça e religião. Paulatinamente, outras escolas foram sendo fundadas em outros países da Europa, e hoje, existem cerca de 726 escolas Waldorf distribuídas no mundo.

1.3 PROPOSTA PEDAGÓGICA WALDORF

Uma das principais características dessa pedagogia é o seu embasamento na concepção de desenvolvimento do ser humano, introduzida por Rudolf Steiner. Nela, o ser humano é contemplado em seu aspecto físico, anímico e espiritual, de acordo com as características de cada indivíduo e de sua faixa etária, buscando a integração do corpo, da alma e do espírito, ou seja, a integração entre o pensar, o sentir e o querer.

A Pedagogia Waldorf visa à formação do ser humano; quer desenvolvê-lo harmoniosamente em todos os seus aspectos: inteligência, conhecimentos, vontade, ideais sociais, etc.; quer despertar todas as suas qualidades e disposições inatas e estabelecer um relacionamento sadio entre o indivíduo e o seu meio ambiente - que inclui os outros homens. Mas a informação também é necessária: sem ela nenhuma formação é possível (LANZ, 2005, p. 94).

O ensino teórico é acompanhado pelo prático, com enfoque nas atividades corpóreas, artísticas e artesanais, de acordo com a idade do estudante. As atividades do pensar são iniciadas com o exercício da imaginação, do conhecimento dos contos de fadas, lendas e mitos, de modo a atingir o desenvolvimento do pensamento abstrato, teórico e formal. Deste modo, predomina-se o exercício e o desenvolvimento das habilidades intrínsecas ao ser humano, cultivando a ciência, a arte e os valores morais e espirituais necessários, e não, o mero acúmulo de informações. Nesse modelo pedagógico, a arte é o instrumento essencial na formação educacional, e todas as outras atividades possuem esse elemento artístico inserido, com a intenção de estimular o conhecimento no indivíduo.

A Pedagogia Waldorf compreende, a partir dos fundamentos antroposóficos, que os três primeiros setênios definem a evolução da criança na direção de realizar-se como adulto, caracterizando cada etapa como transformação da anterior. Por isso, essa prática pedagógica é voltada para esses três primeiros setênios.

A educação como princípio formativo é mais intenso nos primeiros anos, decrescendo nos últimos. Por volta dos 21 anos se acentua uma mudança em que a formação dirigida pela família e pela escola dá lugar à auto-educação. Esse caminho passa por três fases, caracterizadas por ambientes anímicos específicos: “*O mundo é bom*”, “*O mundo é belo*” e “*O mundo é verdadeiro*”. No primeiro deles o ser humano adquire confiança, no segundo interesse e no último deseja encontrar a verdade (PASSERINI, 2005, p.61).

Na Educação Infantil, fase correspondente ao primeiro setênio, a criança aprende através da imitação. Nessa fase, a criança apresenta uma abertura em relação ao mundo, e por isso, acolhe sem resistência anímica o que vem do ambiente exterior. Os órgãos de percepção sensorial estão abertos e por meio de uma intensa atividade interior. A criança reage aos estímulos do ambiente (SETZER, 1998). O ensino é permeado pelo exemplo, e a professora personifica essa representação. O sentimento que deve ser despertado na criança é de que “o mundo é bom”.

No Ensino Fundamental, segundo setênio, a educação deve pautar o sentir, tendo em vista que as forças sentimentais do indivíduo são afloradas nesse período. Para que o aprendizado ocorra significativamente, a criança precisa estar envolvida emocionalmente com o ensino. Nessa fase, é despertado na criança o sentimento de que “o mundo é belo”, por isso, as imagens são utilizadas na intenção de cultivar o que é belo. O professor de classe acompanha a mesma turma ao longo dos anos do segundo setênio, estabelecendo uma ligação profunda com seus alunos.

No Ensino Médio, terceiro setênio, o adolescente desenvolve a capacidade de julgamento através do uso pleno do pensar. Nessa fase, o indivíduo busca explicações conceituais, uma vez que sua capacidade de pensar de forma lógica e racional, foi desenvolvida. Surge o sentimento de conhecer o mundo, baseado na ideia de que “o mundo é verdadeiro”, ou seja, de como ele realmente é.

As escolas Waldorf são uma associação beneficente, sem fins lucrativos. A administração escolar é feita pelos próprios professores. Cada escola Waldorf é independente da outra. O único elo que existe entre elas, é o ideal de concretizar e aperfeiçoar a pedagogia de Rudolf Steiner: formar adultos livres, com pensamento

criativo, com sensibilidade artística, social e ambiental e com disposição para buscar livremente seus objetivos.

1.3.1 A Pedagogia Waldorf e a Educação Infantil: Educação no Primeiro Setênio

A Educação Infantil na Pedagogia Waldorf se dá por meio de duas etapas: o maternal e o jardim de infância. Nessa fase da vida, que corresponde à Educação Infantil, será desenvolvida a organização do corpo físico da criança, e um fator importante para esse desenvolvimento é o meio de onde vem os estímulos para a formação dos órgãos sensoriais que influenciarão a formação dos órgãos internos da criança. Cabe ao educador, o princípio educativo básico - a imitação, que por sua vez, ajudará a criança a adaptar-se à realidade do mundo.

Para o maternal e o jardim de infância, existe um ambiente propício à sua formação: a estrutura física da escola é um prolongamento do lar e, por isso, comporta todos os elementos de uma casa. Assim, os trabalhos do dia-a-dia são realizados pelos educadores com a ajuda das crianças: limpar e arrumar a sala, cozinhar e cuidar do jardim etc. Outros trabalhos também poderão ser feitos de acordo com a necessidade individual da criança: costurar, bordar, realizar trabalhos em madeiras, entre outros.

No primeiro setênio, o tempo e o espaço são vivenciados de forma orgânica e concreta através do ritmo e da sequência das atividades propostas às crianças. Na Educação Infantil, a criança tem a possibilidade de desenvolver-se plenamente através do brincar. Brincando, imita o mundo que a cerca, recriando aquilo que capta com os seus sentidos, exercita a interação social, a imaginação, a criatividade, além de aprender a conhecer-se melhor, desenvolvendo potencialidades corporais, como motricidade e equilíbrio.

Para Rudolf Steiner, o jardim de infância é uma solução emergencial para as crianças que deveriam estar em suas casas, em desenvolvimento, mas que devido à ocupação de seus pais, não podem fazê-lo. Nessa condição, o jardim de infância se apresenta como uma alternativa que viabiliza esse momento. As turmas reproduzem a estrutura familiar, que é uma unidade fechada, com ambiente próprio e sob a direção de duas orientadoras. O objetivo é criar para as crianças, o mesmo ambiente aconchegante de seus lares (LANZ, 2005).

No jardim de infância, o dia é dividido em várias atividades - desenho a giz, aquarela, eúritmia e culinária. Existem também outras pequenas obrigações que fazem parte da rotina das crianças, como, regar as plantas, preparar a mesa para o lanche e guardar os brinquedos. Dentre as atividades mencionadas, a eúritmia - arte que se traduz em movimentos coreografados conjuntamente com a música, a poesia e a prosa - acompanham o aluno até o término de seu terceiro setênio.

A brincadeira é o alicerce para o aprendizado da criança. É o primeiro contato com a cooperação, o risco e a criatividade. Os objetos e os brinquedos são feitos de materiais naturais e duradouros, os quais influenciarão a formação dos órgãos da criança.

A criança deve adquirir confiança no mundo: cada objeto, por seu material, deve ser o que parece ser. Daí a exigência de materiais naturais: madeiras, pedras, panos de fibra natural, etc. Dessa solidez e desse aconchego nasce uma extraordinária segurança e confiança no mundo dos adultos, no mundo em geral: o mundo é bom! Este deveria ser o elemento básico do ambiente que constitui o fundamento de uma autêntica religiosidade da criança pequena (LANZ, 2005, p.111).

Os contos de fadas se configuram como o elemento fundamental nesta pedagogia, sobretudo para o jardim de infância. Lanz (2005) afirma que os contos de fadas devem ser entendidos como descrições, sob forma de imagens de profundas verdades. Eles apresentam as tendências e expectativas, que inconscientemente, se desenham na alma infantil, gravando em seu subconsciente ideais e anseios que mais tarde transformar-se-ão, naturalmente, nos seus ideais e aspirações de vida.

No próximo capítulo, questões pertinentes aos contos de fadas serão tratados detalhadamente, por neles existir a motivação para a realização desta pesquisa.



CAPÍTULO II

A Princesa Corajosa

Era uma vez em um reino distante, uma princesa muito sensível. Ela morava no castelo junto ao seu pai, o Rei, e às suas duas irmãs mais velhas. Sua vida era regada a muito conforto, mas algo lhe faltava. Ela sentia muito medo de sair do reino e, por esse motivo, deixava de viver experiências mágicas. Ao entardecer, ela começava a ficar apreensiva, pois o escuro era o seu maior inimigo. Dormir sozinha ela nem cogitava. Quando a noite tomava conta, ela ficava que nem sombra atrás de suas irmãs ou de sua cuidadora.

Certo dia, porém, aconteceu algo que transformou a vida da princesa para sempre. Era uma manhã tranquila quando sua irmã mais velha lhe chamou para um passeio na floresta. Ela aceitou, afinal tratava-se de um passeio acompanhada, não tinha motivos para temer. O sol brilhava intensamente e o calor propiciava um banho no riacho.

As duas irmãs eram muito amigas e, em meio a tanta conversa, logo chegaram ao riacho. Não tinha ninguém, só se podia escutar o som da natureza. O cantar dos pássaros. As folhas batendo com o vento. A água correndo por entre as pedras. A princesinha estava feliz, toda aquela paisagem lhe gerava muita calma.

Elas nadaram por horas, até que a fome começou a bater em suas barrigas, era hora de voltar. Enxugaram-se, vestiram a roupa e começaram o caminho de volta. Tudo estava indo muito bem até que, de repente, um barulho estranho. Pareciam passos. Mas, não dava para ter certeza. Foi aumentando, aumentando até que foi possível ver uma movimentação no meio de um arbusto que ficava entre duas grandes árvores. As irmãs, muito assustadas, começaram a correr. A princesinha estava com muito medo e pensamentos assustadores penetraram em sua mente. Não se sabe ao certo se foi o cansaço da corrida ou medo da situação, a princesinha tropeçou em suas próprias pernas e caiu. A voz de sua irmã parecia estar longe, ela não conseguia reagir. Tudo começou a ficar escuro e escuro até que o breu tomou conta.

Algum tempo depois, a princesa acordou de um sono profundo. Ao abrir os olhos, tudo estava meio turvo, mas ela percebeu que havia alguém ali. Chamou o nome da irmã, mas a voz que lhe respondeu não foi a dela. Era uma voz suave, as palavras saíam quase que formando uma canção. Assustada, a princesa levantou num pulo. Abrindo bem os olhos, ela avistou uma velha sentada no sofá com uma xícara nas mãos. Sua pele era enrugada, os olhos da cor do mar e os cabelos brancos como a neve. Com muito cuidado, se apresentou e contou que estava ali para ajudar a princesa a superar seus medos. Sem compreender como aquilo estava acontecendo, a princesa encheu a anciã de perguntas. Ela queria entender o porque de aquilo estar acontecendo com ela, onde estava, como foi parar ali e quando iria voltar pra casa. A velha, muito sábia, não respondeu nenhuma daquelas perguntas, apenas repetiu que estava ali para ajudá-la e perguntou se a princesa aceitava sua ajuda. Ainda atordoada, mas se vendo sem muita escolha, a princesa aceitou.

A velha, então, levantou e caminhou até um armário que ficava sobre a lareira. De lá, puxou um grande livro. Sua capa era grossa e as páginas já estavam amareladas. Ela se sentou ao lado da princesa, abriu o livro e começou a narrar.

O conto era de sobre um menino muito pobre que nasceu empelicado. Foi predito que ele teria muita sorte em sua vida e se casaria com a princesa. Sabendo dessa profecia, o Rei, muito amargo, não gostou nada e tratou de se livrar daquele menino, jogando-o no riacho. O menino sortudo foi encontrado por um casal muito bondoso que o pegou para criar. Assim, ele cresceu forte e sadio. O Rei, numa de suas viagens, passou pelo vilarejo que o menino estava morando e avistando-o, perguntou quem era. Responderam-lhe que era filho dos moleiros e que foi encontrado no riacho quando recém nascido. Novamente, o Rei tramou contra ele. Pediu que o menino entregasse uma carta a Rainha. Imediatamente o menino partiu, andou horas e ao anoitecer adentrou uma floresta escura. Andou e andou até avistar uma pequena luz. Chegando perto viu que se tratava de uma cabana e na porta estava uma velha sentava a beira da fogueira. O menino pediu abrigo, mas a senhora o alertou que a

cabana pertencia a uns salteadores e que ele não deveria ficar ali. Muito corajoso, o menino respondeu que não tinha medo e que estava muito cansado, dali ele não partiria. Quando os salteadores chegaram, a senhora os explicou que o menino era inocente e que estava de passagem, a caminho do reino. Os salteadores leram a carta, nela o Rei ordenava que a Rainha matasse o menino imediatamente, e impressionados com a inocência do menino, alteraram a carta e escreveram que a Rainha casasse o menino com a princesa. E assim foi. O casamento foi realizado e muito feliz a princesa ficou. Quando o Rei regressou ao reino, não entendeu nada, pois sua ordem havia sido outra. A Rainha lhe mostrou a carta e muito bravo o Rei ficou. Outro plano ele tramou, dessa vez pediu ao menino, seu genro, que fosse até o inferno e trouxesse para ele três fios de ouro da cabeça do diabo. O menino, como nas outras vezes, conseguiu sobreviver, realizar o desejo do Rei e ainda voltou cheio de ouro. O Rei ficou admirado com o ouro e perguntou onde o menino conseguiu, ele lhe contou que havia encontrado do outro lado do rio. O Rei, muito ganancioso, foi em busca de mais ouro e ao atravessar o rio, ele nunca mais voltou.

Terminado o conto, a sábia velha perguntou à princesa qual parte ela mais gostou. A princesa respondeu, com os olhos brilhando, o trecho em que o menino adentrou a floresta escura e cheio de coragem andou por lá. A princesa ficou admirada com tal atitude e compartilhou com a senhora que desejava ser como ele. Durante horas as duas conversaram. Muitas palavras foram ditas e sentimentos dos mais profundos foram compartilhados. Algo de especial aconteceu. A postura da princesa havia mudado. Era perceptível à velha que uma transformação havia acontecido com a princesa. Missão cumprida, ela pensou.

O dia tinha chegado ao fim, a princesa estava faminta e preocupada com seus familiares, era hora de voltar. A velha ofereceu companhia, mas a princesa recusou. Cheia de coragem ela estava. Despediu-se com muita gratidão daquela velha que, para ela, foi como uma fada madrinha.

E a floresta escura ela adentrou a caminho do reino.

2 OS CONTOS DE FADAS: SUA IMPORTÂNCIA NA PEDAGOGIA WALDORF

É perceptível que a educação das novas gerações atribui credibilidade aos contos de fadas e também a outras formas narrativas, por constituir um valioso instrumento de aprendizagem. Logo, não se pode imaginar uma prática educacional que não recorra às narrativas. Assim, tal prática alcança sua maior expressão na Pedagogia Waldorf.

O presente capítulo definirá os contos de fadas, sua trajetória ao longo da história e as características de sua estrutura. Em seguida, tratará de sua importância e de seu significado no desenvolvimento do primeiro setênio. Por fim, concluirá de que maneira os contos de fadas são trabalhados no jardim de infância da Pedagogia Waldorf.

2.1 A TRAJETÓRIA DOS CONTOS DE FADAS AO LONGO DA HISTÓRIA

A sabedoria deixada por nossos antepassados, no período anterior a escrita, foi coletado por diferentes estudiosos ao longo dos séculos. O trabalho realizado por eles, consistiu em reproduzir o conhecimento oral que fora coletado, e para isso, encontraram na linguagem poética, a melhor opção para fazê-lo. Assim, o conteúdo lógico foi repassado de geração a geração, mas o que trouxe notoriedade aos escritos foi o uso de imagens conceituais (PASSERINI, 2004). Essas imagens se ligam a aspectos da realidade e permitem que o leitor conquiste conhecimento de maneira significativa e individual, o que resultará na conscientização sobre si próprio.

Definir o conto pode ser, ao mesmo tempo, limitante e esclarecedor. Mempo Giardinelli (1994), contista argentino, afirmou que definir o conto, é uma tarefa impossível, não apenas pela diversidade de enfoques, mas, por se tratar do gênero de maior vitalidade. Em contrapartida, ao consultar o significado da palavra conto no dicionário Aurélio, obtivemos o seguinte resultado: *“uma narração falada ou escrita, pouco extensa e concisa, que contém unidade dramática e que concentra a ação num único ponto de interesse”*.

O surgimento dos contos é datado da era pré-histórica da humanidade, e por esse motivo, é difícil precisar quando e onde, exatamente ocorreu seu nascimento. Desde os primórdios, os homens se lançaram em narrativas com o objetivo de transcender conhecimentos e valores, que foram passados oralmente, uns para os outros, ao longo do tempo. Imbert (apud GIARDINELLI, 1994) relatou que antigamente, os contos se confundiam com as formas narrativas da religião, da história, da filosofia e da oratória.

Na Antiguidade a narração não se destinava apenas às crianças, mas a todos, crianças e adultos, e as imagens simbolizavam a direção evolutiva da humanidade. Segundo a pesquisadora junguiana, Marie-Louise von Franz, a origem dos contos de fadas se deu muitos anos antes da era cristã, e foram encontrados registros nas colunas e nos papiros egípcios. (PASSERINI, 2004). Embora a autora tenha utilizado o termo conto de fadas, esse termo surgiu na França, no século XVII.

Na Idade Média, os camponeses sentavam-se à beira da fogueira para ouvir enredos maravilhosos sobre reis, rainhas, palácios e tesouros. E por breves momentos apossavam-se dos papéis principais, aqueles que jamais desempenhariam na vida real. Em sua catarse, derrotavam gigantes, desafiavam bruxas, descobriam a galinha dos ovos de ouro e conquistavam a felicidade eterna. Essas histórias chegaram aos ouvidos da corte, onde foram repetidas por menestréis para deleite das damas de fino trato e dos cavaleiros galanteadores (ALENCAR, 2000).

Dessa forma é que se desenvolveram a maior parte dos contos como conhecemos hoje. Percebe-se que os contos eram narrados para toda a sociedade. Não existia distinção entre faixas etárias, e a ideia a respeito da infância era inexistente, logo, as crianças viviam e eram tratadas como pequenos adultos.

A obra, *A história social da criança e da família*, publicada em 1960 por Philip Ariès, estudou a sociedade europeia do século XVII, e descobriu que até esse período, a criança era considerada um adulto em miniatura, e não possuía expressão própria reconhecida por àquela sociedade. Assim, as crianças participavam das mesmas atividades dos adultos, dentre elas, as narrativas orais. O conteúdo dos contos objetivava o divertimento e a explicação da realidade. Nesse período, estudos começaram a ser desenvolvidos a respeito da infância, o que fez surgir a preocupação com o ser criança, bem como, com o significado dessa fase.

A preocupação com a infância resultou numa reelaboração do material contido nas narrativas, que foram transcritas numa linguagem simples e adequada para a criança. Isso ocasionou no surgimento da literatura infantil (PASSERINI, 2004).

Na França, o filólogo Charles Perrault (1628-1703) iniciou seu trabalho de edição das narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantas e serventes. Foram os franceses que criaram o termo “*Conte de Fée*” que logo se tornou “*Fairy Tale*” em inglês (SOSA, 1993).

Os contos de fadas caracterizam-se pela presença do elemento fada, etimologicamente a palavra fada vem do latim “*fatum*” que significa destino, fatalidade e oráculo. A primeira menção documentada em textos novelescos foi em língua latina: “*fata*” (oráculo, predição), derivada de “*fatum*” (destino, fatalidade). Não há dúvida de que, em sua origem, as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos (COELHO, 2009, p.78).

Os irmãos Wilhelm e Jacob Grimm (1786-1859 e 1785-1863) foram pesquisadores que em 1800 viajaram por toda a Alemanha em busca dos contos de fadas. Conversaram com contadores no norte da Europa e recolheram um bom material nas fontes populares.

A consagração dos contos de fadas resultou num predomínio do imaginário e na comprovação de que era importante existir literatura infantil. Com isso, surgiu além dos filólogos e coletores, como Perrault e os Irmãos Grimm, os escritores de contos de fadas. E dentre os escritores, destacou-se Andersen, que veio do povo, cujos contos nasceram de sua própria infância. Essa é a diferença entre os contos de fadas coletados e os modernos: os primeiros revelam um conteúdo cultural coletivo e o segundo uma criação individual (PASSERINI, 2004).

Os temas dos contos de fadas são voltados para questões existenciais. Bruno Bettelheim, em seu estudo psicanalítico, acerca dos contos de fadas, afirmou que todo indivíduo busca saber qual é o significado da vida. Ao pesquisar quais experiências seriam mais adequadas para auxiliar as crianças nessa busca, o autor concluiu que em primeiro lugar vem a educação, dada por seus cuidadores, e em segundo lugar, a herança cultural transmitida pelos contos de fadas. Bettelheim complementa sua afirmação, dizendo que os contos de fadas auxiliam a criança no seguinte processo:

Exatamente porque a vida é frequentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida neste aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido

coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida (BETTELHEIM, 1980, p.13).

Os contos de fadas caracterizam-se por possuir estrutura simples e curta, nos quais a aventura é apresentada de forma sobrenatural e/ou fantástica. Seu objetivo principal é a realização do ser humano; seus personagens são exagerados e apresentam um caráter estereotipado, conforme Lanz (2005):

Nas grandiosas imagens dos contos, aparecem os grandes princípios diretores da evolução humana: o estado original da harmonia e perfeição (o reino); a queda (a madrasta, andanças pela floresta); a perda da harmonia original (os sofrimentos), as tentações (dragões, fadas más), o despertar da inteligência (anões que auxiliam e outros seres elementares), a alma que luta (a princesa vestida de trapos, ou o príncipe que passa por dificuldades), a redenção final, isto é, a purificação como volta a um estado de harmonia (o casamento feliz da princesa com o príncipe), etc. Em seus mínimos detalhes, os contos de fadas revelam as diversas histórias vividas por diferentes pessoas ao longo do tempo que, uma vez catalogadas, expressavam a moralidade de que essas pessoas precisavam (LANZ, 2005, p. 113).

A trama e o enredo dos contos desenrolam-se num ambiente que não é concreto, e sim, mágico. O tempo não é definido, e o espaço geográfico não é delimitado. Por isso, o clássico início e fim mencionados nos contos de fadas: “*Era uma vez, num reino distante...*” e “*...viveram felizes para sempre*”. O que também caracteriza a estrutura dos contos de fadas.

2.2 O SIGNIFICADO DOS CONTOS DE FADAS NO PRIMEIRO SETÊNIO

A narração dos contos de fadas no primeiro setênio é uma prática que estimula a criança a despertar sua consciência, e também, a estruturar seus conflitos interiores.

Nos primeiros anos do primeiro setênio a criança não se separa da realidade que a circunda, ou seja, sua consciência “eu-mundo” é integrada. Por volta dos três anos de idade, começa a surgir gradativamente na criança, a consciência de si própria. E isso é explicado devido à ocorrência da separação “eu-mundo”, que é quando a criança começa a adquirir a noção de sujeito (ela própria) e de objeto (o mundo). À medida que essa conscientização se consolida, a criança adquire confiança e entrega-se ao mundo, por meio da ação.

O desenvolvimento corpóreo da criança é orientado segundo as leis de crescimento, onde há um predomínio das energias vitais oriundas do corpo etérico.

Nessa fase, a criança desenvolve a construção de uma imagem de si mesma e do mundo. Essa representação é feita, dentre outras formas, através de desenhos e é expressada a partir da percepção da criança sobre sua realidade externa e interna.

Quanto aos processos educativos, o estímulo será voltado para o desenvolvimento de habilidades motoras, e também, de linguagem e de imaginação. Com relação às duas últimas, um dos principais recursos utilizados é a narração dos contos de fadas, preferencialmente, aqueles coletados pelos Irmãos Grimm, devido a maior fidedignidade à tradição oral. O contato com a narração dos contos de fadas auxilia a criança no processo de separação do “eu-mundo” e ao desenvolvimento de sua linguagem, como ratifica Passerini:

A criança inicia seu reconhecimento do mundo a partir da força da palavra, nomeando a si e às coisas do mundo, mas o nome (signo) e o ser (significado) estão integrados, da mesma forma como a própria criança com o mundo. A palavra com significado pleno, o logos, forma a própria linguagem da criança, bem como a base ético-moral, hábitos e costumes, sua confiança no mundo (PASSERINI, 2004, p.103).

Os contos de fadas são entendidos como descrições de profundas verdades, sob forma de imagens. Esses provêm de uma velha sabedoria popular, não tendo sido inventados, muito menos, redigidos com o intuito de divertir as crianças. Na verdade, são fragmentos de uma velha mentalidade popular, expressadas em imagens, e não em conceitos. Isso ocasiona uma atração da criança pelos contos de fadas, que por estar vivendo o primeiro setênio de sua vida, encontra identificação entre sua vontade e seu contato com o mundo. Em outras palavras, seu estado anímico o faz enxergar o mundo a partir de seus anseios que são expressos nos contos de fadas.

A importância dos contos de fadas está no conteúdo relatado, uma vez que a história diz respeito tanto à evolução da humanidade como aos aspectos interiores do desenvolvimento de cada indivíduo. Para os estudiosos da Antroposofia, nas imagens conceituais dos contos de fadas encontramos tanto o conteúdo relativo ao desenvolvimento psíquico do ser humano, como aquele referente à história da evolução da humanidade (PASSERINI, 2004, p.22).

Seu conteúdo é atemporal e seu espaço não é definido. O que dá significado às vivências interiores de qualquer indivíduo, em qualquer momento, e em qualquer lugar, pois, descreve um processo de travessia e reestruturação de crises por parte da criança, e não diz respeito a uma realidade concreta.

Rudolf Steiner (2012, p.22) afirmou que existe uma relação entre o que se expressa nos contos de fadas e as profundas e impenetráveis vivências da alma humana. Os personagens são definidos e revelam os *arquétipos*¹ que pertencem a interioridade ou ao inconsciente coletivo, portanto, o conto de fadas revela o processo de autoconsciência ou a conquista de consciência pela humanidade.

Em suas imagens, os contos de fadas evidenciam as tendências e expectativas, que inconscientemente, desenham-se na alma infantil, gravando em seu subconsciente, ideias e anseios que se transformarão naturalmente nos ideais e aspirações de vida dessas crianças, quando adultos.

2.3 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA PEDAGOGIA WALDORF

A Pedagogia Waldorf atribui grande importância à narração de histórias em sala de aula. Inclusive, essa prática configura-se entre as principais do eixo organizador de seu currículo pedagógico. Stockmeyer, organizador do currículo Waldorf, baseou-se nas conferências proferidas por Steiner, e concluiu que narrar histórias todos os dias é o mesmo que “*oferecer às crianças valores formativos*”. Assim, propiciará o resgate da cultura de tradição oral, e possibilitará a construção de um vínculo significativo entre o educador e o educando, mas principalmente, a formação da individualidade por parte da criança (PASSERINI, 2004, p.26). Dentre as narrativas presentes no currículo Waldorf, este trabalho tratará exclusivamente dos contos de fadas.

Todas as atividades no jardim de infância Waldorf acontecem a partir de um ritmo. Existem atividades que acontecem em ritmo diário, ou em ritmo semanal, mensal e até anual. As atividades diárias seguem o ritmo planejado, esse pode ser de expansão, ou seja, as crianças possuem atividades que podem ser livres, como brincar no parque, e atividades concentradas, como a hora da pintar com aquarela. Inclusive, a hora do conto é uma atividade diária. Ela acontece no fim de cada manhã, e é caracterizada por um momento de concentração e acolhimento.

O trabalho pedagógico nas Escolas Waldorf acontece com base na vivência de diferentes épocas. A explicação para essas épocas esta na antiguidade, quando o

¹ Conceituado por Jung (1919) apud Rezende (2012) como uma estrutura psíquica que alude a ideia de imagens primordiais humanas primitivas ou herdadas. Estão imersos no inconsciente coletivo, e atuam alternadamente na personalidade do indivíduo.

homem pagão vivenciava o que hoje chamamos de ano, em épocas ligadas ao plantio e a colheita, e celebrava festas que anunciavam uma nova estação climática (PASSERINI, 2004, p.101). As épocas trabalhadas no jardim de infância têm duração de aproximadamente um mês, e objetivam a conexão do indivíduo com os ciclos da natureza, e com as festas cristãs, como a Páscoa, o São João, o São Micael² e o Natal.

Um dos critérios que definem a escolha sobre qual será o conto de fadas a ser narrado, está relacionado com as festas cristãs, e também, à geografia, ao clima e à cultura do local em que a escola se encontra. Outro fator importante é conhecer os alunos que formam a turma. A professora deve ter sensibilidade ao realizar a escolha, baseando-se no comportamento e nas necessidades das crianças. Outro detalhe importante, é que os contos de fadas devem pertencer à coletânea dos Irmãos Grimm.

Quanto à forma de narrar os contos, a professora deve fazê-lo com tom de voz calmo para que a criança se afaste das impressões do mundo sensorial. Por meio das palavras significativas existentes na história, a criança vivenciará seus próprios conteúdos interiores, imaginando a partir de si mesma a história no âmbito imaginativo. Para as crianças do primeiro setênio, é importante ouvir uma história sem interrupção, e do início ao fim, preferencialmente, fazendo uso das mesmas palavras. Cultivados esses aspectos diariamente, a criança desenvolverá a memória e a capacidade de representar, de forma sequencial, as imagens conceituais que serão a base de seu processo de aprendizagem formal.

Quanto à periodicidade, o ideal é de que a narração do conto de fadas seja feita enquanto durar uma determinada época. Sabe-se que atualmente, devido ao excesso de estímulos neuro-sensoriais, as crianças têm apresentado dificuldades em ouvir o mesmo conto por mais do que alguns dias. Contudo é importante que os professores o façam, pois a isso potencializará na criança, a elaboração de imagens com clareza e sequência. Passerini (2004) afirmou que a repetição diária gerará intimidade e certeza, o que será traduzido em segurança e confiança.

Passerini (2004) propôs uma alternativa quando as crianças estiverem muito agitadas, que foi a mudança semanal dos contos, mas a escolha deve ser feita com cuidado. Pode-se narrar uma história relativa a aspectos do cotidiano da criança, o que possibilitará uma transição suave, em vez de mudar de um conto arquetípico para outro.

² São Micael também é chamado de São Miguel Arcanjo, festejado em 29 de setembro (PASSERINI, 2004).

No que diz respeito ao ambiente, a hora do conto no jardim de infância necessita de que seja feita uma preparação por parte da professora: O ambiente deve ser organizado no formato de uma roda e com pouca luz. A penumbra dará às crianças a sensação de aconchego. Tudo isso, formará uma atmosfera leve e calma, mas, sobretudo, de sonhos.

A respeito da narrativa dos contos de fadas, a Pedagogia Waldorf valoriza fazê-lo em viva voz, pois, desta maneira, a pessoa que os contar, estará em contato direto com os pequenos ouvintes, e sentirá imediatamente suas reações. Toda história tem seus momentos de tensão e relaxamento, e nenhum conto terminará com tensão - por exemplo, com uma descrição cruel. O caminho a ser seguido, norteará a harmonização e a recompensa do bem, e tudo dependerá da capacidade de o adulto observar as crianças e assim, dosar os matizes de seu conto, de modo que os trechos cruéis sejam mencionados com a ênfase necessária para surtir o efeito benéfico.

Passerini (2004) relatou a partir de sua experiência como professora Waldorf do jardim de infância isto:

É preciso entender o significado mais profundo e a importância dos contos de fada para a educação integral da criança. Devemos penetrar no ambiente e na linguagem desses conteúdos, mas sem questionamentos, como se adentrássemos um santuário magnífico, suntuoso e revelador de verdades. Essa vivência pode ser ampliada por meio de todas as artes. Respeito pelos contos de fada significa respeitar a própria criança e seu mundo especial (PASSERINI, 2004, p.113).

Tal afirmativa ratifica a importância dessa prática para o desenvolvimento pleno da criança durante o primeiro setênio.



A Misteriosa Senhora

Era uma vez uma misteriosa senhora que vivia sozinha numa cabana dentro da floresta, e pouco se sabia dela. Muitos recorriam a ela quando estavam enfermos, pois uma poderosa poção curativa ela sabia preparar. Os poucos que tiveram a oportunidade de adentrar a cabana saíram pavorosos e contando coisas estranhas a respeito daquela senhora. Ela não ligava para a aparência e, por isso, muitos ficavam assustados com a sua presença. Sua pele já estava enrugada, e verrugas ela apresentava por todo o corpo, principalmente, no rosto. O cabelo era longo e volumoso, não devia ser penteado há algum tempo. Suas roupas eram manchadas e davam a sensação de não serem lavadas. Raramente essa senhora ia ao vilarejo, e quando ia, era motivo de atenção. Todos ficavam tensos e as crianças se escondiam com medo.

Certo dia algo aconteceu que mudara a opinião de todos que viviam naquele vilarejo. Ana e Pedro, os filhos do padeiro, resolveram brincar na floresta, e estavam tão envolvidos na brincadeira que não se deram conta de que haviam adentrado a parte oculta da floresta. De repente, um barulho estranho os alertou. Eles começaram a correr e correr, mas não chegavam a lugar algum. Desesperados eles ficaram, começaram a chorar e a gritar, mas nenhuma resposta eles tiveram. Fome e frio eles começaram a sentir. Pedro resolveu, então, que iria resolver a situação e começou a pensar num meio de buscar ajuda, quando uma ideia ele teve: subiu na maior árvore que encontrou e quando estava lá em cima, no escuro da noite, ele vislumbrou uma pequena luz. Cheio de expectativas ele ficou, desceu ligeiro, segurou a mãozinha de sua irmã e saiu correndo em direção à luz.

Lá chegando, ele avistou uma cabana e uma velha sentada junto ao fogo, completamente sozinha. Ela assustou-se quando viu as duas crianças, mas logo se recompôs. Ana começou a tremer de medo e Pedro, todo valente, se posicionou com os braços armados, pronto para lutar. A velha, que era a misteriosa senhora, se apresentou e ofereceu abrigo às crianças. Sua voz era doce e seu toque carinhoso. Desconfiados e ainda com medo da aparência

estranha da senhora, as crianças se apresentaram resistentes. Até que ela os convidou para se sentarem junto ao fogo para lhes contar um adorável conto. Ainda de pé, eles começaram a escutar. O conto trazia três adoráveis fadinhas que viviam se metendo em trapalhadas. Curiosos e atraídos pela história, Ana e Pedro sentaram-se próximo à senhora e se permitiram ser cuidados por ela.

A senhora preparou uma deliciosa sopa para as crianças, e contentes eles ficaram. Amigos eles se tornaram. Mas era preciso voltar, pois os pais e familiares já deviam estar desesperados atrás de Ana e Pedro. A misteriosa senhora, que na verdade, era muito bondosa, pegou uma tocha, segurou a mão de Ana, que segurou a de Pedro e a floresta eles adentraram em direção ao vilarejo. E a partir daquele dia, nenhuma criança do vilarejo temeu aquela misteriosa senhora.

3 OS CONTOS DE FADAS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Na Antroposofia existe um paralelismo entre a evolução da humanidade e o desenvolvimento infantil. Constatou-se ainda, que o despertar da consciência infantil acontece de maneira análoga, e se faz presente na linguagem dos contos de fadas, o que acentua a sua importância.

Desta maneira, este capítulo pretenderá explicar quais são as contribuições dos contos de fadas em relação ao desenvolvimento infantil, a partir de sua compreensão antroposófica a respeito do despertar da consciência infantil. Consequentemente, explicar-se-á também, como se dá o processo de construção de *imagens conceituais*. Ademais, o presente capítulo será complementado com a interpretação dos contos de fadas e sua contribuição às crianças, na percepção de Rudolf Steiner. Além disso, serão expostas as contribuições acerca do tema mencionado, na concepção da psicanálise freudiana e a psicologia analítica de Jung, na intenção de explorar as aproximações existentes sobre o tema.

3.1 O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS CONCEITUAIS

Os fundamentos antroposóficos a respeito do desenvolvimento do ser humano fazem alusão à lei biogenética, que foi criada pelo biólogo Ernst Haeckel (1834-1919). Ele formulou a *Teoria da Recapitulação* no fim do século XIX, destacando que “*em sua evolução embrionária, todo animal percorre, sucessivamente, estados correspondentes aos graus de evolução que os animais inferiores percorreram, na história das espécies, até chegarem a ele*”.

Segundo essa teoria, há um paralelismo entre o desenvolvimento individual do embrião e o desenvolvimento da espécie à qual pertence. Ou seja, há um paralelismo entre a ontogênese e a filogênese. Afinal, no que diz respeito ao homem, o desenvolvimento do indivíduo é uma breve expressão da evolução de sua linhagem. A Antroposofia transpôs esse conceito à luz da evolução da consciência da humanidade e do homem. Aplicada à evolução da criança, percebeu-se que ela expressa, de maneira concentrada, as várias fases da evolução *anímico-espiritual* do ser humano (LANZ, 1998).

É possível acompanhar a evolução *anímico-espiritual* do ser humano a partir dos antigos contos, mitos e lendas transmitidas por nossos antepassados, e reconhecer os seus traços característicos na evolução da consciência da criança. Passerini (2004) utilizou os conceitos reconhecidos pelo escritor antroposófico, Alexander Bos, para construir a *história da Criação* que corresponde aos conteúdos imaginativos pertencentes à história da humanidade, que dentre outras formas, foram transmitidos em forma de escritos, o que possibilitou obter explicações acerca da evolução da consciência. Para melhor compreender como se deu a evolução da consciência, será tratado a seguir esses conteúdos imaginativos ao longo da história.

Partindo-se do mito de Atlântida, suas descrições apresentaram o homem com uma percepção diferente da atual, caracterizando-o por uma *consciência adormecida*. O ambiente descrito era predominado pelo elemento água, quando da submersão do continente. Porém, alguns conteúdos míticos trouxeram a separação do sólido, em relação à formação da terra firme. Alexander Bos compreende isso “como uma expulsão do líquido amniótico e uma chegada à terra firme” (PASSERINI, 2004).

No continente asiático, especificamente, na Índia, surgiu a antiga cultura hindu, cujo livro sagrado, *Baghavadhita*, foi percebido a *consciência sonhadora* dos homens, os quais se ligavam ao mundo espiritual.

Ainda na Ásia, surgiu uma nova fase com o nascimento da Pérsia. O livro sagrado *Zend-Avesta*, de tradição oral, trouxe os escritos que narraram a luta do bem contra o mal, da luz contra as trevas etc. Os mitos relativos a essa fase anunciaram o homem que cultivava a terra e que em outros momentos, vivenciava o mundo espiritual. De forma geral, essa fase descrita acima, caracterizou-se pela dualidade existente no homem – que em certos momentos viveu sua realidade exterior e em outros, sua realidade interior. Tudo isso, foi a forma encontrada pela autora para caracterizar a *consciência relacionada ao acordar e dormir*.

No Egito, com o surgimento da escrita, foram encontrados vestígios nos monumentos, e a morte foi o principal tema retratado. O deserto assombrava o homem com a possível escassez de alimentos e em contrapartida, o solo vivificado próximo ao rio Nilo, trazia fartura. Então o homem vivenciou a polaridade entre vida e morte. A *consciência da morte* retratou essa fase.

A civilização grega possibilitou ao homem o pensar sob forma de conceitos com o surgimento da filosofia. Surgiu, nesse momento, a palavra *eu* – que

possibilitou, a cada indivíduo, se autodesignar (PASSERINI, 2004). A *consciência sobre si* trouxe ao homem significativas mudanças acerca da evolução da consciência.

Na cultura romana, o homem demonstrou-se cada vez mais individualista, o que representou a expressão de suas imagens conceituais sobre a realidade exterior, as quais se interiorizavam nele, na forma de pensamentos e sentimentos. Pode-se constatar a partir do descrito, uma *consciência voltada para o misticismo e para a arte religiosa*.

No século dos descobrimentos o homem se voltou para a realidade exterior e concreta, passando a utilizá-la como objeto de sua análise. Grandes pensadores como Aristóteles, Santo Agostinho, Copérnico e Leonardo da Vinci, em diferentes momentos históricos apresentaram diferenças entre os níveis de consciência, contribuindo para o surgimento de uma ciência natural, com base na percepção do mundo exterior. A individuação³ é acentuada a partir da conquista da *consciência clara*, livre de dogmas e tradições.

De acordo com a Antroposofia, a consciência do homem é compreendida a partir do caminho percorrido pela humanidade em seu despertar da consciência:

As antigas culturas [...] tinham [...] uma consciência ampla, que abrangia o Cosmo e a Terra, mas que era adormecida. E [...] não havia autoconsciência. O próximo passo nesse caminho da consciência foi o estreitamento de seu conteúdo e de sua amplitude, o que possibilitou um primeiro despertar de uma consciência adormecida para [...] sonhadora. Isto significa que se podiam relatar imagens [...] de sonho, como um eco das vivências obtidas durante o sono. Estas imagens oníricas nos foram transmitidas pelas antigas mitologias. A partir da consciência imaginativa desenvolveu-se uma consciência conceitual, e com isso um maior estreitamento da consciência (BOS, 1986, apud PASSERINI, 2004, p. 90).

A respeito do desenvolvimento humano, Rudolf Steiner formulou a concepção de que o homem é cidadão de três mundos distintos: seu corpo pertence ao *mundo físico*, sua alma ou psique ao *mundo anímico* e o seu eu ao *mundo do espírito*. Assim, o indivíduo pertence e percebe o mundo físico com o seu corpo; constrói seu mundo singular a partir dos seus sentimentos por meio da alma; e alcança o pensamento pelo espírito.

³ Conceituado por Jung (1928) apud Magaldi (2002), significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo. Podemos traduzir individuação como “tornar-se si mesmo ou realizar-se do si mesmo”.

O corpo físico é responsável pelo contato com a realidade do mundo sensório, e esse se dá por meio da percepção dos sentidos. As impressões oriundas dos objetos são assimiladas e interpretadas pelo indivíduo, ao se correlacionar com o mundo. Já a associação do homem com os objetos, será alcançada pelos sentidos e será vivenciada pela alma. Essa associação constitui o âmbito psíquico. Ela é a responsável pelas impressões de agrado ou desagradado, alegria ou tristeza etc. O âmbito espiritual é o responsável por possibilitar ao indivíduo o entendimento acerca do que está contido nas coisas. São as leis explicativas do mundo, observadas e em si próprio.

Percebe-se, então, que o processo de evolução da consciência na humanidade aconteceu a partir do físico, do anímico e do espiritual. Suas conquistas alcançaram os três níveis relacionados, respectivamente, às três dimensões descritas: o perceptivo, o mítico-simbólico e o lógico racional ou abstrato.

A consciência perceptiva sofreu transformações até alcançar a consciência mítico-simbólica, que por sua vez, transformou-se na consciência lógico racional. Em cada fase da humanidade houve o predomínio de uma das consciências, porém, os três aspectos citados se interpenetraram ao longo dos tempos.

Ao conquistar o mundo físico, o homem se tornou consciente do próprio corpo e do mundo que o circunda. Nessa fase da evolução, o homem apresentava a *consciência perceptiva* e sua autoconsciência não era definida. Na segunda fase, o homem desenvolveu a *consciência imaginativa*. Nesta ocasião, destacou-se o homem desenhando figuras nas grutas. Sua percepção vinculou-se a uma série de significados relacionados aos seus sentimentos, o que caracterizou a consciência mítica. A *consciência lógica* foi uma conquista recente, ela se relaciona aos processos de observação, conceituação, abstração etc.

O caminho percorrido pela humanidade da consciência perceptiva e mítica para a consciência lógico-racional pode ser reconhecida no desenvolvimento infantil.

Para conhecer a si mesmo e ao mundo que o circunda, o homem caminha através de três níveis de consciência. Assim como historicamente a humanidade percorreu um caminho para chegar à razão, verificamos que a criança, no desenvolvimento de sua capacidade de compreender, também necessita percorrer caminho equivalente e desenvolver essas três diferentes capacidades (PASSERINI, 2004, p.94).

Segundo Passerini (2004), nos seus primeiros anos de vida, a criança possui, em relação ao mundo ao seu redor, uma abertura que a possibilita aprender e associar as impressões que lhe chegam do mundo. Seu desenvolvimento acontecerá a partir de sua força interior, a qual expressará suas potencialidades. Isso também possibilitará o desenvolvimento de suas capacidades relativas ao pensar, ao sentir e ao querer – características anímicas. Em outras palavras, a criança passará a interceptar e a escolher as impressões que penetrarão em seu mundo interno.

O processo mencionado ocorrerá por volta dos sete anos de idade, quando a criança construir um *muro circular* que lhe possibilite governar as suas ações em seu mundo. Isso permitirá a realização fundamental do pensar. Pois, diferentemente de como fazia – a criança associava, agora, ela passará a elaborar as impressões do mundo por meio de uma recém-conquistada capacidade pictórica – que transforma as impressões em *imagens conceituais*.

O processo de consciência na criança é iniciado a partir de sua percepção do mundo e da sua criação de imagens ricas em conteúdos simbólicos, a fim de se alcançar o pensamento lógico na adolescência. Nos primeiros anos de vida, há o predomínio do órgão sensorial na criança, e ela percebe o meio que a cerca através de imagens conceituais. A criança cria essas imagens a partir do que percebeu no mundo. Como mencionado no primeiro capítulo, sabe-se que antes da troca dos dentes, a criança ainda não percebeu o mundo como algo exterior. É como se este fizesse parte da criança.

Passerini (2004) afirmou que a força criadora das imagens conceituais é a mesma relativa às verdades profundas trazidas pelos contos de fadas, o que a faz importante. As imagens das narrativas foram elaboradas a partir de intuições primordiais, as quais ganharam expressão em estruturas mentais originais, ou seja, em formas de se perceber e sentir o mundo interno e externo, expressos através da mesma linguagem encontrada nos contos de fadas.

As imagens contidas na consciência onírica do ser humano, em outras palavras, referente à consciência dos sonhos, deram forma e conteúdo às narrativas, porque são fontes de verdades arquetípicas e primordiais do mundo. Esse conteúdo imaginativo é indispensável para a psique da criança e auxiliam-na no processo de individuação. Até atingir o período de desenvolvimento do pensar intelectual, a criança vivenciará o pensar imaginativo, o qual proporcionará à criança a obtenção de forças modeladoras de sua individualidade.

De acordo com Rudolf Steiner (apud PASSERINI, 2004), as imagens conceituais contêm uma força própria, capaz de impulsionar mudanças de comportamento, por serem “*vividas em sua clareza espiritual*”, isto é, vazadas em imagens conceituais claras, e não em conceitos abstratos. Para Steiner, a *representação espiritual e imaginativa* é uma linguagem analógica, cujo processo cognitivo de transferência de informação ou significado de um sujeito para outro, é indispensável para a formação da identidade e desenvolvimento da criança.

Passerini (2004) concluiu que o objetivo da narração de contos de fadas no primeiro setênio consiste, dentre outros motivos, em ensinar a criança, por meio da imaginação a representar imagens conceituais.

3.2 A INTERPRETAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS E SUA CONTRIBUIÇÃO ÀS CRIANÇAS

Rudolf Steiner (2012) interpretou a poesia dos contos de fadas à luz da Antroposofia e afirmou que lidar com essa poesia é adentrar numa profunda atmosfera da alma humana, e por esse motivo, considerou tratar-se de uma delicada e complexa tarefa.

O autor constatou a presença de *algo mágico* nos contos de fadas e afirmou ser esse o responsável por sua atuação na alma humana, sendo essa a expressão primordial e elementar, uma vez que pertence aos *efeitos inconscientes*.

Quanto ao conceito do termo inconsciente, Passerini (2004) afirmou que o homem se defronta com ele, na medida em que ele se depara com suas emoções, seus desejos e impulsos.

Ao tentar compreender o sentimento oriundo dos contos de fadas, Steiner (2012) explicou que isso não seria possível, porque o conteúdo expresso nos diferentes contos de fadas não ficará restrito a uma situação específica da vivência humana, e sim a algo comum a toda humanidade, por ser profundo e oriundo das vivências da alma humana.

Segundo o autor, existe outra forma de explicar a profundidade existente nos contos de fadas, a qual tem uma relação muito íntima com a vivência dos indivíduos, e que é realizada no mundo do espírito. Na vida cotidiana, os processos espirituais que acontecem nas profundezas da alma trazem à tona numa vivência onírica, relacionada aos sonhos, de forma silenciosa e fugaz. Ou seja, ocorrem processos espirituais originários da alma humana, no estágio inconsciente. A partir dessas

experiências oníricas, o indivíduo apresenta condições propícias para acessar essas informações inconscientes, tornando-as conscientes.

No decorrer da evolução da humanidade toda a vida anímica do homem passou por transformações. O homem primordial apresentava uma clarividência espontânea, relacionada aos estados intermediários entre o dormir e o acordar. Ele vivenciava o mundo espiritual, o qual era caracterizado por possuir um alto grau de clarividência. Os contos de fadas autênticos situam-se nesses tempos remotos, de quando o ser humano não apresentava ainda uma autoconsciência, no sentido lógico-racional e abstrato.

Ligados ao ‘encanto’ de tais narrações estão o adormecer e o despertar humanos, isto é, a alternância entre os estados de sonho e de vigília, que em épocas remotas da humanidade ensejava o momento de clarividência – o lapso de tempo intermediário em que se percebiam fatos espirituais ligados à alma humana, trazidos então para a vida consciente diurna sob a forma de contos de fadas (CARDOSO, 2012, p.capa).

A poesia dos contos de fadas é apresentada através de imagens, uma vez que os homens eram conectados ao mundo espiritual, e faziam uso desses processos exteriores a fim de utilizá-los como alimento espiritual (STEINER, 2012). Assim, o autor concluiu que os contos de fadas se tornam, para a alma, algo análogo ao nutriente quando usado para o organismo. Cada alma humana pode sentir fome daquilo que ela vivencia e não compreende – por se tratar de algo inconsciente e oriundo das profundezas da alma, e que está relacionado com o que advém dos contos de fadas.

O conto de fadas é justamente a forma de apresentação mais adequada à índole da criança, uma vez que essa narrativa expressa o âmbito mais profundo da vida espiritual e do modo mais simples possível. Steiner (2012) afirmou que não existe em toda a vida artística consciente, uma arte tão grandiosa quanto a dos contos de fadas, que completa o caminho – levando das incompreendidas profundezas da alma às imagens encantadoras nelas contidas, que muitas vezes são lúdicas. O autor considerou, ainda, que a força espiritual presente nas crianças movimenta-se mais livremente, uma vez que essa força não foi transformada em conceitos abstratos teóricos.

Possibilitar o encontro da alma da criança com a poesia dos contos de fadas, é o mesmo que deixar atuar sobre a criança, o que a une às raízes humanas, às raízes da

existência. Em sua própria estrutura anímica a criança precisa ser atuante, a fim de gerar suas próprias forças formadoras e desenvolver aptidões. Por esta razão, a criança sente as imagens dos contos de fadas ligadas às questões existenciais, como um alimento para sua alma:

Os contos de fadas são, segundo Rudolf Steiner, um tesouro espiritual da humanidade. Fruto de vivências primordiais da existência humana, sua atuação tem um efeito inconsciente na alma ao resgatar, por meio de imagens significativas, o longo percurso do amadurecimento humano na Terra. [...] Por esse motivo, pessoas de todas as épocas, principalmente crianças, sempre reconheceram neles, embora de modo inconsciente, algo afim com sua própria alma. Como um autêntico alimento anímico, o conto de fadas sacia a 'fome interior' durante a vida inteira, conferindo vitalidade às imagens anímicas mais recônditas. Reis, princesas, anões e gigantes correspondem a profundas realidades internas de todo ser humano [...] (CARDOSO, 2012, p.capa).

3.3 CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE FREUDIANA E DA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG

As imagens contidas nos contos de fadas constituem profundas e sábias verdades que não podem ser apreendidas pelo pensar intelectual, uma vez que são produtos do pensar imaginativo humano. No que tange à importância dessa narrativa ao desenvolvimento infantil, autores de distintas áreas realizaram fundamentações teóricas a respeito do tema.

Autores como Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), assim como Rudolf Steiner (1861-1925), destacaram-se por desenvolver um vasto estudo a respeito do desenvolvimento humano, e outros estudos com distintas ênfases sobre os contos de fadas. A aproximação encontrada entre os seus estudos pode ser vinculada a uma essencial evidência: todos viveram no mesmo período e em espaços geográficos próximos. Tal característica é definida como *Zeitgeist*. Esse termo foi introduzido pelo filósofo alemão Johann Gottfried Herder, no ano de 1769, cuja tradução significa *espírito da época* ou *espírito do tempo*. Em outras palavras, o espírito daquela época, o qual foi denotado por um conjunto de clima intelectual e cultural acerca do mundo, fez com que esses autores conseguissem reproduzir, em suas obras, semelhantes pensamentos.

Bruno Bettelheim ofereceu o embasamento teórico e contribuiu com reflexões acerca do modelo freudiano de psicanálise, em relação à investigação do inconsciente infantil a partir do contato com a simbologia presente nos contos de fadas.

Para Bettelheim (1980, p.13), “*a vida é frequentemente desconcertante para a criança*”, desta maneira, ela precisará de mecanismos que auxiliem-na em sua busca de entender o mundo com o qual ela deve aprender a lidar. Assim, os contos de fadas surgirão como algo satisfatório a elas, uma vez que “*falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para as dificuldades prementes*” (BETTELHEIM, 1980, p.14).

Os contos de fadas respondem a questões internas da vida, e essas respostas são dadas às crianças de maneira sugestiva, por meio de mensagens que implicam em soluções diversas. Isso é justificado porque os contos de fadas permitem que a fantasia da criança acerca dos próprios contos seja *aplicada* a ela mesma, revelando a história sobre a vida e a natureza humana.

O conto de fadas procede de maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua (BETTELHEIM, 1980, p.59).

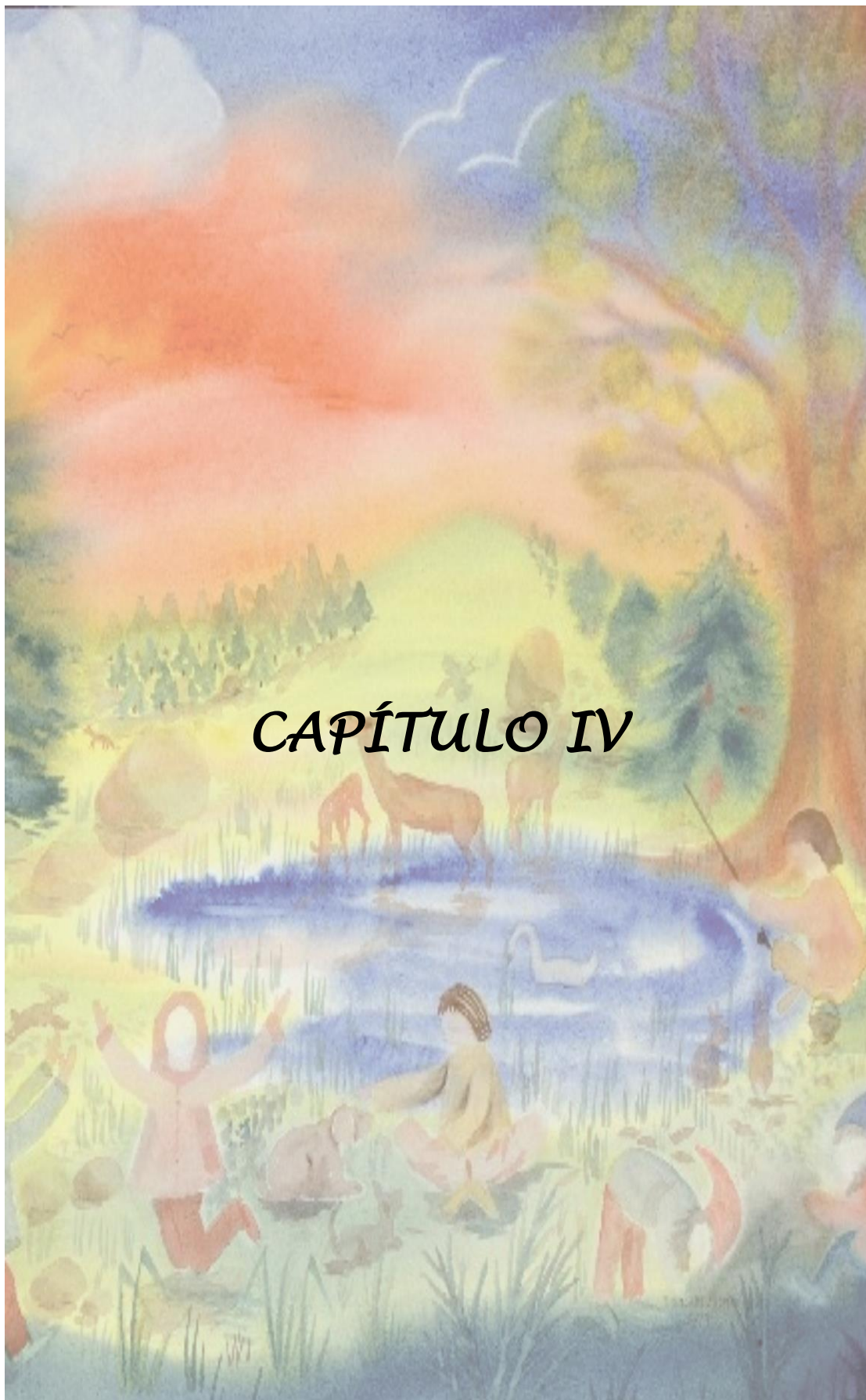
Segundo Bettelheim (1980), o contato com os contos de fadas possibilita à criança o aprender sobre os dilemas interiores e sobre as soluções corretas para seus predicamentos - situações desagradáveis. Para o autor, a importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil está na capacidade de estruturação dos conflitos interiores vividos pela criança, de modo a dominar os problemas psicológicos em seu crescimento como: decepções narcisistas, rivalidades fraternas, dependência infantil, individualidade, autovalorização etc. Desta maneira, a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com os conflitos. O valor inigualável dos contos de fadas se dá pela forma e estrutura com que as imagens são sugeridas às crianças, uma vez que lhes possibilita estruturar e solucionar seus conflitos.

Para os psicólogos analíticos, os contos de fadas apresentam uma linguagem rica em símbolos e permitem a compreensão acerca dos conteúdos não-conscientes da

psique humana. De acordo com Jung, fundador da psicologia analítica, tais conteúdos pertencem ao âmbito do inconsciente coletivo, uma vez que representam reações semelhantes e passíveis de tornar-se conscientes e herdadas por todos os seres humanos (PASSERINI, 2004). Marie Louise von Franz mencionou em sua obra o seguinte comentário de Jung: “*é nos contos de fadas onde melhor se pode estudar a “anatomia comparada da psique”*” (FRANZ, 1990, p.10). Em sua explicação, a psicóloga junguiana afirmou que é possível obter dos contos de fadas as estruturas básicas da psique humana devido à grande quantidade de material cultural contido neles.

A origem dos contos de fadas, segundo von Franz, reside em uma potencialidade humana arquetípica. Antigamente, o homem apresentava uma forte visão interior, e desta visão inicial, formaram-se os contos de fadas. O pensamento mítico, no caso dessas visões espontâneas, é compreendido como um pensamento pré-lógico, elementar e arquetípico, e responsável por ordenar os elementos psíquicos em imagens. Jung afirmou (GIGLIO, 1991 apud JUNG, x) que os contos de fadas se constituíram como instrumentos para a expressão do pensamento mítico, perpetuando-se no tempo e desempenhando uma importante função psíquica, no que diz respeito ao processo da individuação - através dos contos de fadas obtém-se consciência e vivenciam-se os arquétipos do inconsciente coletivo.

De acordo com a perspectiva junguiana, von Franz (1990), definiu que os contos de fadas são uma representação simbólica de problemas gerais humanos e suas soluções possíveis, ou seja, as representações da fantasia são primárias como os próprios desejos e instintos. No conteúdo dos contos de fadas, é possível observar a projeção dos estados originais do desenvolvimento da consciência humana. Esses mesmos conteúdos dos contos de fadas são encontrados nos símbolos do inconsciente, nos sonhos e nas fantasias, o que ratifica sua importância no processo de desenvolvimento humano.



4 METODOLOGIA

A elaboração do presente trabalho buscou analisar a contribuição dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil. As reações, os comentários e os comportamentos apresentados pelas crianças serviram como instrumento norteador para compreender de que forma acontece esse desenvolvimento, amparado pelo referencial teórico tratado anteriormente.

Diante do exposto, este capítulo descreverá de que modo foi realizada a pesquisa de campo, do ponto de vista da metodologia utilizada, assim como a abordagem, o método e o instrumento utilizados a fim de saber como se dá o desenvolvimento infantil através dos contos de fadas. Além disso, será considerada a caracterização da escola e da turma.

4.1 DESCRIÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Segundo Chizzotti (2010), a abordagem qualitativa parte do pressuposto de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito; uma interdependência viva entre sujeito e o objeto; um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Nesse sentido, essa abordagem foi a que melhor correspondeu à investigação proposta nesta pesquisa, uma vez que permitiu relacionar o sujeito, no caso as crianças, ao objeto de estudo, no caso, os contos de fadas. Essa relação possibilitará observar, interpretar e discutir os resultados que vinculam sujeito e objeto, com a finalidade de analisar como ocorre o desenvolvimento infantil de uma turma do jardim de infância no âmbito da Pedagogia Waldorf.

Para Chizzotti (2010), a compreensão advinda por meio da abordagem qualitativa propiciará conhecimento. Assim, o autor considera que:

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2010, p.79).

Conclui-se, então, que a abordagem qualitativa utilizada nesta pesquisa, sobre a relação mencionada – criança e contos de fadas – possibilitará obter conhecimento sobre como os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento infantil.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003) a observação é uma técnica de coleta de dados, que possibilita o acesso a informações, e utiliza os sentidos do pesquisador para obtenção de determinados aspectos da realidade: não se trata, simplesmente, de ver e ouvir algo, mas também, de examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

Quanto à observação realizada, é importante que se destaque a relação construída entre a pesquisadora e as crianças, pois, elas são os sujeitos desta pesquisa. Acerca disso, pode-se afirmar que existiu o convívio estreito entre as partes mencionadas. Afinal, a pesquisadora atuou durante todo o processo de observação, no que diz respeito à hora do conto, e desempenhou outras atividades como professora auxiliar de classe, por meio do vínculo de estágio.

O fato de ter existido essa relação de convivência diária entre quem observou o momento dos contos de fadas - a pesquisadora, e o objeto pesquisado – os alunos, trouxe algumas particularidades a esta pesquisa. Pois, a pesquisadora não se apresentou como de costume: numa posição externa ao contexto. Mas, sim, inserida. Assim, na hora do conto, predominou-se a observação por parte da pesquisadora, já que as histórias eram narradas pela professora regente. Contudo, o local em que a pesquisadora ficava nesse momento era o mesmo que ficavam as crianças: na roda da hora do conto, junto dos alunos, já que ela fazia parte daquele grupo. E, embora a professora regente conduzisse as narrativas, em diversos momentos os olhares das crianças eram destinados à pesquisadora, pelo fato de existir, com ela, uma relação construída. Por tudo isso, não se pode restringir o método utilizado nesta pesquisa apenas à observação, mas também, à observação participante.

Desta forma, os dados coletados nesta pesquisa foram conseguidos através da observação participante na turma do jardim de infância da Escola Waldorf Moara, diariamente, durante o primeiro semestre letivo de 2013.

De acordo com Chizzotti (2010), a observação participante acontece através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, com a finalidade de coletar e transcrever as ações pertencentes aos sujeitos em seu contexto natural.

Para melhor contextualizar a descrição do que foi observado, foi criado um diário de bordo. Esse instrumento foi escolhido por permitir a maior reflexão do

pesquisador sobre impressões, comentários e reações das crianças. E sobre o diário de bordo, Barbier (1900) afirmou que esse instrumento comporta o caráter de intimidade com afetividade, e também, as reações em relação ao mundo circundante. O autor descreveu as três etapas que compõem a elaboração do diário de bordo. A começar pelo diário-rascunho. Nele, o autor fez menção a tudo o que se tem vontade de anotar no momento da ação, ou na serenidade da contemplação. Nesse momento, segundo o autor, não se deve procurar efeitos de estilo, deve-se fazer uso de um código de escrita próprio (BÁRBIER, 1900). Na segunda fase, o diário surgirá a partir do diário-rascunho, através de sua reescritura, e agora, atentando-se à melhor forma de expressar tudo o que foi rascunhado, pois a leitura deste será destinada a outrem. E, por fim, na terceira fase, o diário de bordo será complementado com comentários e reflexões.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA WALDORF MOARA

A Escola Waldorf Moara é a principal escola de orientação antroposófica em Brasília, situada no Setor de Habitações Coletivas Geminadas Norte – SHCGN, quadra 703 – Área Especial, Asa Norte. Nesse endereço funcionava uma escola privada e convencional, e por esse motivo, foram feitas modificações em seu espaço físico, no sentido de caracterizá-la conforme o que seria o ideal para uma Escola Waldorf. E tudo isso, porque o ambiente no qual a criança se desenvolve, somado às suas práticas pedagógicas, proporcionará seu pleno desenvolvimento.

Ao entrar na escola, há dois cercadinhos feitos de bambu que conduzem às salas destinadas a Educação Infantil, onde existem quatro salas: duas destinadas ao maternal e outras duas destinadas ao jardim de infância. Paralelamente a elas, existe um parquinho de areia com uma casinha e alguns brinquedos feitos de madeira: escorregador, gangorra, uma ponte de corda, rede para escalada etc. Esse parquinho é rodeado por plantas e flores e um pequeno espaço destinado à jardinagem. A escola possui um grande pátio no centro. Em sua volta ficam a maioria das salas do Ensino Fundamental. E ao fundo, existem três palmeiras que as crianças brincam de escalar. Na área externa, há um parque coletivo pertencente aos moradores da quadra 703, que a escola também faz uso. Ele é rodeado por árvores e pequenas plantas.

A Escola Waldorf Moara foi fundada em fevereiro de 2000, e é mantida pela Associação Antroposófica Moara, organismo formalmente criado para atuar como mantenedor da escola. Essa Associação é uma entidade sem fins lucrativos; constitui-se, basicamente, de educadores, pais e mães, que após estudarem profundamente a Antroposofia e a Pedagogia Waldorf, concordaram em fundá-la.

Em 2012, a proposta pedagógica da Escola Waldorf Moara foi atualizada, o que reforçou em seu seio, os princípios e fundamentos da Pedagogia Waldorf, com base nos conhecimentos antroposóficos e em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, e também, com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's. Vale destacar que mesmo antes dessa atualização, a Escola Waldorf Moara já integrava o sistema de ensino do Distrito Federal, com base nos dispositivos constitucionais vigentes.

De acordo com o seu Regimento escolar, a gestão da Escola Waldorf Moara é democrática e fundamentada nos princípios da Trimembração do Organismo Social propostos por Rudolf Steiner, que prevê a liberdade no âmbito da atividade cultural; a igualdade no âmbito do jurídico-administrativo; e a fraternidade no âmbito econômico. Logo, o trabalho realizado pelos colaboradores, nessas três esferas, acontece por meio da autogestão. Conferindo direitos e obrigações iguais a cada integrante, sem distinção de hierarquia.

A escola é entendida como um micro-organismo social, onde essas três esferas se inter-relacionam e são relativamente autônomas. A esfera cultural diz respeito ao âmbito pedagógico, que em auto-gestão, administra todos os aspectos referentes às atividades pedagógicas, que são de responsabilidade do corpo docente. A esfera jurídico-administrativa é integrada pelos representantes da Associação Antroposófica Moara, pais, professores e amigos da escola. A qual é responsável por regulamentar a organização institucional por meio da normatização de direitos e deveres. A esfera sócioeconômica é formada por pais, docentes e funcionários da escola. Ela é a responsável por tratar das necessidades da instituição e de seus integrantes. A autogestão da escola ocorrerá por meio da organização de comissões de trabalho em todas as esferas citadas, cujas decisões, dar-se-ão consensualmente.

A Escola Waldorf Moara oferece turmas de Educação Infantil no turno matutino e vespertino. Quanto ao Ensino Fundamental, do primeiro ao sétimo ano, somente no turno matutino há turmas.

A Educação Infantil é organizada em duas etapas: o maternal e o jardim de infância. No primeiro encontram-se crianças de um ano e sete meses até dois anos e onze meses. No segundo, encontram-se as crianças de quatro anos incompletos até sete anos incompletos. Vale ressaltar que nas duas etapas não há subdivisões ou seja, as turmas possuem alunos com idades mistas.

Neste ano – período em que foram realizadas as observações, a Escola Waldorf Moara ofereceu quatro turmas de maternal e três de jardim de infância, além das sete turmas de Ensino Fundamental, totalizando 242 alunos para 25 professores.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Nesta parte da pesquisa será caracterizada a turma do *Jardim A*. Essa turma tem aulas no período da manhã e é constituída por vinte crianças: dez meninas e dez meninos com idade entre três e seis anos. Durante esse ano, oito crianças completaram seis anos, cinco crianças completaram cinco anos e sete crianças completaram quatro anos.

Quanto à rotina da turma, suas atividades básicas ocorrem diariamente e nos mesmos horários. O Jardim A segue o seguinte ritmo: brincar livre, atividade do dia, roda rítmica, hora do lanche, brincar no parque e hora do conto. Apesar de existir um cronograma semanal pré-estabelecido, as professoras são livres para modificarem-no se for necessário.

Dessa forma, o dia começa com a recepção das crianças. Elas são acolhidas por suas professoras na entrada da sala e conduzidas para dentro da sala. Lá, ficam a vontade por aproximadamente uma hora de *brincar livre*. As crianças brincam com peças, carrinhos, panelinhas, tocos de madeira e panos de diferentes cores e tamanhos. A brincadeira predominante entre as meninas é o *'faz de conta'* – elas reproduzem os afazeres dos adultos, onde cada uma representa um papel diferente. Já os meninos, movimentam-se mais pela sala, predominando brincadeiras com as peças de madeira, ou de luta. As vezes brincam de fingir que estão em missões secretas.

Após o brincar livre, as professoras conduzem os alunos para a arrumação da sala, com a canção: *“Eu guardo, eu guardo, eu guardo os meus brinquedos”*. Para organizar os panos coloridos, a professora canta a canção: *“Um caracol chamado (nome da criança) vai se enrolando”*, e assim, ela dobra os panos ao meio e os coloca no chão para que as crianças os enrolem. Nessa hora, sempre há resistências, mas as

professoras recorrem aos mais velhos, pedindo-lhes ajuda, e ao ajudarem, os demais também realizam a atividade. Outro recurso utilizado, quando existe resistência, é a seguinte canção: “*O/A (nome da criança) é um(a) bom(a) ajudante*”, ao escutar seu nome, a criança fica empolgada e mais envolvida com a arrumação, e os outros que não estavam ajudando, começam a arrumar também.

A atividade seguinte varia de acordo com os dias da semana, pois a cada dia as crianças realizam uma atividade diferente: *desenho a giz*, *euritmia*, *aquarela*, *culinária* (pão integral ou biscoito) e *modelagem*. Há também outras atividades que não seguem um ritmo fixo, mas que acontecem de acordo com a demanda das crianças, como *pular corda*, *andar com perna de pau* e *tapeçaria*. Os desenhos a giz são feitos espontaneamente e sem nenhum tipo de direcionamento. Nas aulas de *euritmia*⁴, a professora narra uma história e faz diversos movimentos corporais com as crianças ao som de instrumentos musicais, e com o auxílio de uma musicista. Esses instrumentos reproduzem o som dos elementos citados na história contada. A aquarela é preparada com muita delicadeza. Cada criança recebe papel e pincel, precedida de uma breve história. São utilizadas três cores, conhecidas como cores primárias: azul, vermelho e amarelo. Ao combinarem essas três cores, a criança descobrirá outras cores. Pode-se utilizar, também, apenas uma cor, e dessa cor, encontrarem diferentes tons ao molhar o pincel na água. Durante a culinária, a criança é ativa ao longo de todo o processo: elas participam da mistura de ingredientes, manuseiam a massa, quebram os ovos etc. O pular corda e andar de perna de pau acontecem na hora do parque. Assim, as crianças desenvolvem seu ritmo e seu equilíbrio.

Ao fim da atividade do dia, a professora dá início a roda rítmica com o auxílio da canção: *Ôi abre a roda tindolelê. Ôi abre a roda tindolalá. Ôi abre a roda tindolelê, tindolelê, tindolalá*. Neste momento uma roda é feita e a professora recita um verso, no qual as crianças repetem. Na sequência, a professora narra uma pequena história vinculada à época, com pequenos versos rimados e partes cantadas que as crianças logo se envolvem. Nesta hora há bastante movimento: cada parte narrada é acompanhada por um gesto corporal. A roda rítmica assemelha-se à *euritmia* realizada no jardim de infância. É o momento em que a professora traz músicas,

⁴ Arte do movimento que transforma o corpo humano em instrumento sobre o qual a interioridade humana, a sua alma sensível, toca e transmite os seus impulsos. O ser humano precisa da linguagem poética para transcender o trivial do dia a dia, e expressar, através do ritmo, melodia, pausa e compasso, as vibrações do seu querer, do seu sentir e pensar (NISCH, 2001).

versos e gestos com conteúdos primordiais. Os temas variam conforme as estações e as festas do ano. Essa atividade exercita a imitação, que é algo primordial para o aprendizado na Pedagogia Waldorf, e ajuda também, a desenvolver a noção corporal e a exercitar a linguagem.

A hora do lanche é o momento comunitário: um rodízio, em que cada dia um aluno é responsável por trazer o lanche. A comida é pré-estabelecida e combinada com os pais. Sempre há frutas e suco natural. O lanche pode ser pão integral com mel ou requeijão, tortas de mandioca ou batata, milho cozido, cuscuz, pamonha, tapioca, bolos, entre outros. Quando sentados, todos cantam: *“Toque, toque sem parar. A mãozinha a trabalhar. As pedrinhas a brilhar, são tão fáceis de encontrar. Com cuidado eu vou pegar. Na sacola vou guardar. Toque, toque, toque meu martelinho, vou fazer uma estrelinha”* e na sequência, recitam o verso do lanche: *“Germinam as sementes na noite da terra. Crescem os brotos pela força do ar. Amadurecem os frutos pelo poder do sol. Bom apetite meus amigos!”*. O aluno responsável pelo lanche do dia, é também o ajudante. Ele auxilia a professora na distribuição do lanche a cada colega. Ao final, todos os alunos agradecem pelo alimento: *“Agradecemos de coração pelo lanche e pelo pão. Agradecemos ao céu, agradecemos a terra. E a força Divida que em tudo atua”*. Por fim, levam seus pratos à pia e organizam suas cadeiras. Essas serão dispostas em roda com seus devidos pertences. A ida ao parque é conduzida pela canção: *“O nosso cordão dourado. Que brilha por todo lado. Bem lá no céu azul. E tudo se enche de luz”*. Assim, as crianças se organizam na forma de um cordão em direção ao parque. A hora do parque dura, geralmente, sessenta minutos. Lá, os alunos correm, brincam e interagem entre eles e com a outra turma do jardim livremente.

A volta do parque também é regida por música. Uma das professoras recebe os alunos com o *“lava pés”*. Uma bacia d’água é colocada junto a uma cadeira para que a criança possa sentar e colocar os pés na água. Nesse momento a professora limpa os pés dos seus alunos e estabelece um momento íntimo com cada um, seja uma brincadeira, um carinho ou uma conversa.

O momento seguinte é a *hora do conto*. A sala é preparada de maneira especial. O ambiente deve ser acolhedor. Coloca-se um tapete no chão, fecham-se as cortinas e acende-se uma vela. A professora narra o conto, sem o auxílio do livro. Ela conta a história na roda, olhando nos olhos de cada um deles, prestando atenção em

tudo, sobretudo nas reações individuais e coletivas. Durante o conto a professora faz uso do instrumento musical, chamado *Kantêle* – instrumento antroposófico semelhante a harpa, a fim de enfatizar alguns momentos, e também, para ajudar na harmonização do ambiente.

Ao final do conto, a professora conversa com seus alunos, e todos juntos cantam o versos de despedida: *“Até logo meu amigo que a manhã já terminou. Amanhã nessa mesma hora, novamente aqui estou. Vamos dar a despedida como faz o sabiá. Vai dizendo e vai cantando: até logo, até amanhã”*.

O próximo capítulo explorará o momento de fundamental importância nesta pesquisa: a *hora do conto*. E a partir das narrativas dos contos de fadas às crianças, será revelada a magia existente nessa prática e as possíveis contribuições ao desenvolvimento infantil.



CAPÍTULO V

5 VIVENCIANDO OS CONTOS DE FADAS NA PEDAGOGIA WALDORF.

Os contos de fadas se fizeram presentes na turma do Jardim A, ao longo do ano de 2013. E em cada época, pelo menos um conto de fadas era escolhido pela professora, para trabalhar, com as crianças, suas questões, suas características e seus aspectos ligados a cada época. Outras narrativas foram apresentadas às crianças, entretanto, este trabalho tratará apenas dos contos de fadas.

Na Educação Infantil da Escola Waldorf Moara, o ano é dividido em dez épocas, mas, ao invés de a pesquisadora trabalhar todos os contos de fadas no decorrer das épocas, optou-se por três contos de fadas dos Irmãos Grimm, de diferentes épocas, os quais lhe chamaram mais atenção.

Neste capítulo, será descrito detalhadamente a *hora do conto* – priorizando-se os três contos de fadas escolhidos: O Burrinho da época da Páscoa; Os Gnomos da época dos Anões; e A Bela Adormecida da época de Micael.

Serão tratadas as suas características, correspondentemente à época a que pertence o conto, e por fim, serão expostas as reflexões a respeito do que foi observado e estudado.

5.1 A HORA DO CONTO

A *hora do conto* é iniciada com especial preparação da sala de aula, transformando-a num ambiente acolhedor. As crianças são responsáveis pela organização das cadeiras na roda – ao fim do lanche, cada uma leva sua cadeira e a posiciona em volta do tapete, e o fazem auxiliados por uma das professoras. Nessa roda, construída pelas crianças, as cadeiras ficam unidas umas nas outras, de modo que sobre nenhum espaço entre elas. Essa orientação é feita pelas professoras com a intenção de que seja criado um espaço acolhedor.

A professora responsável pela narrativa deve enfeitar o centro da roda de acordo com sua intuição e seu gosto. Mas, essa maneira de organizar o ambiente deve estar vinculada às características da época vivida, e por isso mesmo, outros elementos podem fazer parte do ambiente construído para a *hora do conto*. Contudo, de maneira geral, utiliza-se um pequeno tecido, um vaso com flores e uma vela. Ou seja, com o tecido é feito um pequeno amontoado - uma espécie de almofada, e sobre ele, coloca-

se o vaso de flores. Ao lado desse vaso, coloca-se uma vela. As flores representam a natureza e a vida, já a vela simboliza a conexão com o espiritual e o calor.

As cortinas ficam fechadas com a finalidade de propiciar aos alunos um ambiente acolhedor. A respeito disso, Luiza Lameirão (2007, p.27) defendeu que *a primeira tarefa do educador consiste em criar um espaço aconchegante para a criança*. Esse argumento utilizado pela autora baseia-se na concepção de que *a vida humana se inicia em um ambiente delimitado, escuro, macio, acolhedor: o útero* (LAMEIRÃO, 2007, p.26).

Assim, isso esclareceu, também, a tradição existente no início dos tempos – àquela referente à transmissão oral em volta da fogueira. Tempos depois, com a civilização, essa tradição passou a ser realizada próxima à lareira. Os dois ambientes mencionados apresentam elementos similares, que hoje estão presentes na *hora do conto* realizado na Escola Waldorf Moara: o fogo. E isso faz perceber que a *hora do conto* recria esse ambiente milenar.

Quando todas as crianças já estão sentadas, a professora escolhe uma delas para acender a vela, e todos cantam: *“Fadinha do fogo venha para os nossos corações”*. Enquanto isso, outra criança, dentre as mais velhas, dedilha o instrumento musical *kantêle*. Tudo isso é para harmonizar o ambiente. Alcançado o silêncio, a professora introduz o conto com: *“Estrelinha sobe, sobe. Estrelinha desce, desce”*. E, logo em seguida, inicia-se a narrativa com o *“Era uma vez...”*. Quando a narrativa chega ao fim, a professora encerra com o verso: *“Colorín, colorado, este conto está acabado”*. Originário do espanhol *“Colorin colorado este cuento aun no se ha acabado”*.

5.2 CONTO DE FADAS: O BURRINHO

Era uma vez, onde foi, onde não foi, um rei e uma rainha muito ricos. Tinham tudo o que podiam desejar. Só não tinham filhos. A rainha queixava-se noite e dia:

- Sou como um campo onde nada cresce.

Finalmente, Deus satisfêz seus desejos. Mas, quando a criança veio ao mundo, não tinha aspecto de um ser humano, mas o de um burrinho. Desesperada, a mãe rompeu em lágrimas e queixas, exclamando que preferia ter ficado sem filhos a ter ganho um burro. Mandou atirá-lo ao rio para que os peixes o devorassem. O rei, porém, interveio:

- Não! Já que Deus o enviou, ele será meu filho e herdeiro. Após minha morte, subirá ao trono e usará a coroa real!

Criaram, pois, o burrinho. Ele foi crescendo e assim também iam crescendo as orelhas: altas e retinhas que eram uma beleza. Além disso, tinha gênio alegre, saltava e brincava por toda parte. Logo demonstrou um especial gosto pela música, a tal ponto que procurou um mestre famoso, a quem foi logo dizendo:

- Ensina-me a tua arte, pois quero tocar alaúde tão bem como tu.

- Ah, meu pequeno senhor! - suspirou o músico - vai ser difícil. Vossos dedos são impróprios e, além disso, muito grandes. Temo que as cordas não aguentem. Mas de nada serviram suas evasivas. O burrinho manteve-se firme no que decidira. Estudou com vontade e aplicação. Até que por fim tocava o alaúde tão bem quanto o mestre.

Um dia, o jovem senhor saiu a passeio, pensativo, até que chegou junto a um poço. E, ao olhar-se nas águas claras, viu refletida a sua figura de burrinho. Em vista disso, ficou tão triste que resolveu correr o mundo, levando consigo apenas um companheiro fiel. Andaram de um lado para outro e, por fim, chegaram a um reino governado por um velho rei que tinha uma filha única, belíssima. O burrinho disse:

- Ficaremos aqui.

E, batendo no portão, gritou:

- Há um hóspede aqui fora. Abram e deixem-no entrar.

Como ninguém o atendeu, sentou-se e pôs-se a tocar o alaúde docemente com as patas dianteiras. Vendo aquilo, o porteiro arregalou os olhos, correu ao rei e lhe disse:

- Do lado de fora do portão há um burrinho tocando alaúde tão bem como um grande mestre.

- Deixa entrar o músico! - respondeu o rei.

Mas, ao verem entrar um burrinho, todos começaram a rir. Decidiram que o burrinho deveria sentar-se no porão com os criados para comer. Mas ele protestou:

- Não sou um burrinho comum de estrebaria, sou um nobre.

- Neste caso, senta-te com os soldados - disseram-lhe.

- Não - replicou ele - quero sentar-me junto ao rei. O rei começou a rir e disse, bem humorado:

- Pois faça-se como pedes, burrinho. Fica a meu lado.

Em seguida, perguntou:

- Burrinho, que tal achas a minha filha?

O burrinho voltou à cabeça para olhá-la e, fazendo um gesto de aprovação, respondeu:

- É tão linda como jamais vi outra.

- Então, podes sentar-te ao lado dela - disse o rei.

- Com muito gosto! - exclamou o burrinho - e sentou-se ao lado da princesa. Comeu e bebeu, comportando-se com finura e correção.

Tendo já passado algum tempo na corte daquele rei, o burrinho pensou:

- De que me adianta tudo isso? Tenho de voltar para casa. E, triste e cabisbaixo, foi ao soberano para despedir-se. Mas o rei, que já havia criado por ele um grande afeto, disse-lhe:

- Que há meu burrinho? Pareces azedo como vinagre. Fica comigo e te darei o que pedires. Queres ouro?

- Não - respondeu o burrinho, sacudindo a cabeça.

- Queres riquezas, jóias?

- Não.

- Queres a metade do meu reino?

- Oh, não!

- Ah, se eu pudesse imaginar o que te faria feliz! - exclamou o rei - Quem sabe queres casar com minha filha?

- Oh, sim! - respondeu o burrinho - Isto sim, bem que quero. Em seguida ficou alegre e disposto, pois era aquele seu maior desejo.

Celebrou-se, então, uma esplêndida festa de casamento. À noite, quando os noivos foram conduzidos aos seus aposentos, o rei, querendo saber se o burrinho se comportava com gentileza e correção, ordenou a um criado que se escondesse no quarto. Quando os recém-casados estavam no dormitório, o noivo correu o ferrolho da porta, olhou ao redor e, supondo que estavam a sós, tirou, de repente, a pele de burro, transformando-se num belo jovem de porte real.

- Agora estás vendo quem sou - disse o jovem à princesa - e vê, também, que não sou indigno de ti. A noiva ficou muito alegre, beijou-o e gostou dele com todo o coração. Mas, ao chegar à manhã, ele se levantou e pôs novamente a pele de burro, de modo que ninguém pôde suspeitar quem se ocultava embaixo dela. Não tardou em aparecer o velho rei, exclamando:

- Vejam só, o burrinho já se levantou! Mas tu - prosseguiu, dirigindo-se à sua filha - deves estar bem triste por não teres um marido igual aos outros.

- Oh, não meu pai! - respondeu ela - gosto muito dele. Quero ficar com ele para o resto da minha vida.

O rei ficou surpreso, mas o criado que se havia escondido, chegou a ele e lhe revelou tudo.

- Não pode ser verdade! - exclamou o rei.

- Pois espia na próxima noite e vê com seus próprios olhos - disse-lhe o criado - e dou-lhe um bom conselho, Senhor Rei: tira-lhe a pele e joga-a no fogo. Assim ele será obrigado a apresentar-se na sua forma verdadeira.

- É um bom conselho - concordou o rei.

À noite, enquanto dormiam, o rei entrou de mansinho no quarto e, ao aproximar-se da cama, pôde ver, à luz do luar, um belo jovem adormecido. A pele de burro estava estendida no chão. Apanhou-a e

saiu. Em seguida, mandou acender uma fogueira bem grande e nela jogou a pele. E não se afastou do fogo até que a pele de burro estivesse completamente queimada e reduzida a cinzas. Querendo ver o que faria o príncipe ao despertar, passou toda a noite de vigia, com o ouvido atento. Ao clarear do dia, o jovem saltou da cama para meter-se na pele do burro, mas não a encontrando em parte alguma, assustou-se e exclamou tristemente:

- Agora só me resta fugir!

Mas quando ia saindo, encontrou o rei e este lhe disse:

- Meu filho, aonde vais com tanta pressa? Fica aqui. És um homem tão belo que não desejo perder-te. Te darei a metade do meu reino e, quando eu morrer, ficarás com o resto.

- Pois que o que teve um bom princípio tenha, também, um bom fim - respondeu o rapaz e disse ao rei:

- Ficarei convosco.

E o velho rei deu-lhe a metade do reino. Quando, depois de um ano, morreu, o velho e bondoso rei deixou-lhe o restante. Além disso, com a morte de seu pai, ganhou mais um reino. E, assim, viveram muito felizes.

5.2.1 Caracterização da Época da Páscoa

O conto de fadas é um dos instrumentos utilizados para trabalhar as imagens de cada época, com as crianças, abordando seus significados e também seu sentido espiritual. Na Escola Waldorf Moara, a época da Páscoa durou vinte e seis dias - do dia 4 ao dia 29 do mês de março de 2013. Durante esse período, outras narrativas foram apresentadas às crianças, porém apenas um conto de fadas foi escolhido pela professora: *O Burrinho*.

A Páscoa é uma festa pagã e pré-histórica. É um resquício de antigos ritos que homenageavam as deusas da fertilidade, as quais eram invocadas para que as colheitas transcorressem. Nessa época do ano a vida recomeçava, as cores retornavam e tudo desabrochava.

Antigamente, a Páscoa acontecia apenas no hemisfério norte - na época da primavera, quando as pessoas tinham grande relação com as forças da natureza. Naquela época, sobreviver ao rigor do inverno era um grande desafio, e por isso, chegar à primavera era motivo de celebração. Assim, a primavera e seus ritos pagãos representavam a vitória da vida sobre a morte, e também, uma metamorfose.

No período posterior, as culturas judaica e cristã absorveram essas festividades pagãs. Para os judeus, as comemorações da Páscoa têm uma importância - pois

retomam o ato de Moisés, quando ele desafiou o faraó e conduziu seu povo rumo à Terra Prometida, libertando-os da escravidão; na tradição cristã, a Páscoa é associada ao processo de vida, morte e ressurreição de Cristo.

Outra imagem que vincula a ideia de vida, morte e ressurreição é a metamorfose sofrida pelas lagartas, quando transformadas em borboleta: representam a morte do corpo, a transformação e o renascer. O coelho e os seus ovos também possuem significado especial: o ovo representa a vida interior, ainda em estado germinal, que se desenvolverá e romperá a casca dura que o envolve. O coelho representa um animal puro e digno de carregar os ovos, que serão trazidos por ele como ovos da Páscoa (MORAES, 2002).

Na Pedagogia Waldorf procura-se vivenciar o verdadeiro sentido da Páscoa sob a ótica espiritual. Desta forma, a sala foi preparada, num primeiro momento, com cores mais claras, sem muitas flores e algumas lagartas de lã foram colocadas sobre a mesa que retratava a época. Na segunda-feira, dia 25 de março, a sala foi transformada conforme as transformações que ocorreram no domingo de Páscoa: as lagartas viraram borboletas, os panos ficaram coloridos e as flores passaram a fazer parte do ambiente. As narrativas contadas trouxeram a essência da superação, da morte e da transformação. As crianças pintaram ovos e os levaram para casa, para comê-los em família.

5.2.2 Observações do Burrinho

Durante a primeira semana, as crianças estavam agitadas e um pouco resistentes ao conto. A narração só foi possível durante três dias, sendo esses intercalados. No primeiro dia, a única menina de seis anos até então e, portanto, a mais velha da turma comentou: “*Ah, não! Essa história de novo?!*”, e junto dela, outros dois demonstraram a mesma insatisfação. Exclamaram que já haviam escutado esse conto no ano passado, mas, a professora explicou que os pequenos ainda não tinham escutado, e, que dessa vez, contaria um novo detalhe. Eles aceitaram e ficaram em silêncio.

Na semana seguinte, as crianças estavam mais calmas, e assim, escutaram o conto durante quatro dias seguidos. Foi possível observar uma diferença, inclusive, no *brincar livre*: todos estavam mais integrados e envolvidos nas brincadeiras, existiram poucos conflitos. Na terceira semana, continuaram tranquilos, e na *hora do conto*, o

silêncio foi alcançado com facilidade; *O Burrinho* foi aceito pela grande maioria das crianças durante os três dias em que foi narrado. Contudo, os mais velhos exclamaram no início: “*de novo, professora?*”, mas ela continuava sua narração e eles se envolveram na história. Porém, na última semana, a professora só conseguiu contar duas vezes o conto de fadas *O Burrinho*. As crianças estavam bastante agitadas, e foi difícil fazer com que elas prestassem atenção.

Esse conto traz em sua essência a *transformação*. O burrinho transformou-se num belo homem, porém, não foi fácil para ele lidar com essa transformação. Foi preciso que o Rei desvendasse-o para que pudesse assumir sua nova forma. A transformação, muitas vezes, torna-se uma complexa e árdua tarefa para os adultos, e para as crianças, como elas lidam com a transformação? É fácil para elas lidarem com o novo e abandonarem o velho? Na parte do conto em que é revelada a transformação do burrinho num belo jovem, foi possível observar em algumas meninas, na primeira vez em que o conto foi narrado, a expressão de contentamento. Uma delas, de cinco anos, uniu as duas mãozinhas, como numa prece, e exclamou: “*ai, que princesa sortuda!*”. Enquanto isso, um dos meninos exclamou: “*ah, não vale!*”. Contrária à expressão apresentada pelas meninas, os meninos de cinco anos quando escutaram essa mesma parte fizeram algumas caretas.

A *rejeição* foi abordada no início do conto, quando a Rainha, mãe do burrinho, olhou para o seu bebê e, desesperada, mandou que o atirassem ao rio para que fosse devorado pelos peixes. Nesse momento, foi alcançado um grande silêncio no ambiente. As crianças se mostraram estáticas, parecendo até que tinham parado de respirar; seus olhos arregalaram-se. As crianças menores, de três e quatro anos, ficaram encolhidas e suas expressões aparentaram tristeza.

A *aceitação* foi outra importante questão tratada nesse conto. Esse sentimento foi abordado quando o Rei interveio a favor de seu filho, e não permitiu que lhe jogassem no rio, como ordenara sua mãe, a Rainha. E também, quando o burrinho viu seu reflexo pela primeira vez, e se deu conta de que era um burrinho, logo, diferente das demais pessoas. Nesses dois trechos foi possível observar expressões acentuadas nas crianças. Os olhos arregalados se fizeram presentes e algumas crianças começaram a se mexer, demonstrando incômodo.

Ao longo desse processo, as crianças fizeram alguns questionamentos. Dentre eles, destacaram-se: que quando narrada a parte em que o burrinho tratava-se de um belo homem, e que na manhã seguinte, ele vestiu novamente sua pele de burrinho, um

aluno de cinco anos perguntou: “*professora, por que ele ficou de burro?*”, antes mesmo de a professora respondê-lo, algumas respostas surgiram: “*porque ele toca alaúde bem!*”, e outra: “*porque ele já tava casado de burro com a princesa!*”.



Figura 1 - Ambiente preparado para a narração do conto de fadas *O Burrinho*

5.3 CONTO DE FADAS: OS GNOMOS

Era uma vez um sapateiro que tinha se tornado tão pobre, que afinal nada mais lhe restou, a não ser um pedaço de couro, suficiente para se fazer um par de sapatos. Assim, à noite ele recortou o couro com que iria fazer os sapatos no dia seguinte, e, com a consciência tranquila, pois sempre cumprira o seu dever, deitou-se, encomendou-se a Deus, e adormeceu.

No dia seguinte, quando, depois de rezar suas preces, se preparava para trabalhar, viu que já estava em cima da mesa de trabalho o par de sapatos, acabado e perfeito.

Atônito, sem entender o que acontecera, o sapateiro pegou o par de sapatos, para examiná-lo bem de perto, e mais admirado ainda ficou ao constatar que se tratava de um trabalho perfeito, que só poderia ter saído das mãos de um verdadeiro mestre.

Pouco tempo depois, apareceu um comprador, que gostou muito dos sapatos e logo os comprou, a um preço compensador. Com o dinheiro, o sapateiro comprou couro suficiente para fazer dois pares de sapatos. Recortou-os à noite e, no dia seguinte, viu que não precisaria trabalhar também naquele dia. Os dois pares de sapato lá estavam, em cima da mesa de trabalho, perfeitos como o sapato da véspera.

O mesmo passou a acontecer, diariamente, a partir de então, de modo que o sapateiro foi prosperando cada vez mais e se tornou, afinal, um homem rico.

E, uma noite, pouco antes do Natal, aconteceu que, quando o sapateiro se sentou para recortar o couro, disse à sua mulher, que se preparava para deitar-se:

- Que achas da ideia de ficarmos acordados a noite toda, para vermos o que está acontecendo, quem está nos ajudando tão valiosamente?

A mulher gostou da ideia, e acendeu a vela, depois os dois se esconderam em um canto do quarto, atrás de algumas roupas que ali estavam dependuradas, e ficaram observando.

À meia-noite em ponto, surgiram dois homenzinhos, dois pigmeus, nus em pelo, e se sentaram à mesa de trabalho. Pegaram todo o couro recortado que lá se encontrava e trabalharam com tanta rapidez e com tanta perfeição, valendo-se de seus dedinhos tão pequenos, que o sapateiro ficou boquiaberto de espanto. E não param enquanto não transformaram em lindos sapatos todo o couro que fora na véspera recortado. E desapareceram, correndo, tão logo terminaram o trabalho.

- Os homenzinhos nos enriqueceram - disse a esposa do sapateiro ao marido, depois que os gnomos saíram. - Acho que temos a obrigação de mostrar-lhes quanto estamos gratos. Viste que estavam nus em pelo? Devem sentir muito frio. Vou fazer para eles camisas, calças, casacos etc, tudo muito pequenino, de acordo com o seu tamanho, e tecer para cada um par de meias, e tu farás para eles dois pares de sapatos bem pequeninos.

- Terei muito prazer em fazer isso - concordou o marido.

E uma noite, puseram na mesa de trabalho todos aqueles presentes, em vez de couro recortado, e se esconderam à espera dos gnomos, para verem a sua reação diante daquela manifestação de reconhecimento.

À meia-noite, os homenzinhos entraram, correndo e pulando, e foram logo procurando o couro recortado, para se entregarem ao trabalho. Encontrando os presentes em lugar do couro, a princípio eles ficaram espantados, mas depois alegríssimos. Vestiram, com extraordinária rapidez, as roupas em miniatura para eles feitas, e vestiram-nas, e continuaram dançando e cantando:

“Somos agora homens elegantes.

Não seremos sapateiros como antes”.

E depois de pulares sobre os bancos e cadeiras, saíram dançando da casa. E, como haviam anunciado, dali em diante nunca mais voltaram, mas o sapateiro continuou a prosperar, pois todos os seus esforços eram bem sucedidos.

5.3.1 Caracterização da Época dos Anões

A época dos Anões durou, também, vinte e seis dias, do dia 26 de agosto de 2013 ao dia 20 de setembro do mesmo ano. O principal conteúdo dessa época é o *trabalho*, analisado aqui, sob a forma de conflitos que podem ser externos e internos. A época dos Anões refere-se ao período em que a terra é preparada para florescer na primavera. É o momento de transição do inverno, caracterizado pela introspecção - “*voltar-se para dentro*”; para a primavera, o momento de florescer é entendido como *voltar-se para fora*.

Os anões são seres astutos que trabalham no solo e, muitas vezes, com a lapidação de pedras preciosas. Nas histórias, os anões são apresentados como seres desejosos de contato e de cooperação com os seres humanos (MELLON, 2006).

No Jardim A, as crianças experienciaram o trabalho braçal. Trabalharam na terra, plantando mudas de plantas, e lixaram duas estantes de madeira existentes na sala de aula. Quanto às narrativas utilizadas pela professora, essa época propiciou maior a variedade de histórias: foram dois contos de fadas escolhidos - *Os Gnomos* e *a Branca de Neve*. Contudo, o conto de fadas escolhido nesta pesquisa foi *Os Gnomos*, porque o conto da *Branca de Neve* foi narrado uma vez às crianças.

5.3.2 Observações dos Gnomos

Nessa época, foi grande a variedade de narrativas apresentadas às crianças, e por isso, o conto de fadas *Os Gnomos* foi narrado para o Jardim A apenas durante quatro dias.

Nos primeiros três dias, o conto foi bem aceito pela turma. Todos permaneceram em pleno silêncio. No último dia, houve muita agitação entre as crianças, e tanto foi que a professora precisou interromper o conto. A interrupção ocorreu na parte em que a mulher do sapateiro decidiu costurar roupas para os gnomos que sempre apareciam nus. Logo, algumas brincadeiras surgiram enquanto isso foi narrado: os meninos começaram a rir e a implicarem uns com os outros.

O conteúdo principal deste conto é o *trabalho*. Os gnomos apareciam sempre à meia-noite para trabalhar, realizando o serviço do sapateiro. E até descobrirem quem estava realizando o trabalho do sapateiro, percebia-se o visível mistério nos olhares

das crianças. As atenções estavam voltadas para a professora, num quase completo silêncio. Quando revelado que se tratavam de gnomos, algumas crianças sorriram, outras continuaram concentradas na professora.

Na primeira vez em que o conto foi narrado, um aluno de seis anos perguntou porque os gnomos, depois de presenteados, não mais voltaram. O colega que estava ao seu lado, também de seis anos, adiantou-se e respondeu: “*porque eles não precisam mais trabalhar para comprar roupas*”. Os pequenos ouviram a explicação com olhares atentos, e não ousam trazer outra resposta.



Figura 2 - Ambiente preparado para a narração do conto de fadas *Os Gnomos*

5.4 CONTO DE FADAS: A BELA ADORMECIDA

Há muitos e muitos anos, viviam um rei e uma rainha cujo maior desejo era o de terem um filho. E certo dia, quando a Rainha estava tomando banho, uma rã saiu aos pulos de dentro da água e lhe disse:

- Teu desejo será satisfeito. Antes de um ano terás uma filha.

A profecia da rã se mostrou verdadeira, e a Rainha deu à luz uma linda menina, tão linda que o Rei, jubiloso, resolveu oferecer uma grande festa para comemorar o acontecimento.

Convidou não somente os parentes, amigos e conhecidos, como também as Fadas, a fim de que fossem boas e bem dispostas para com a criança. Havia no reino treze fadas, mas, como só havia doze pratos de ouro para que neles elas comessem no banquete, uma delas não foi convidada.

A festa realizava-se com todo o esplendor e as fadas ofertaram seus dons à criancinha: uma lhe deu a virtude, outra a beleza, uma terceira a riqueza e assim por diante. Tudo, enfim, que há de desejável na vida.

Quando onde das fadas tinham feito suas bonanças promessas, apareceu inesperadamente no palácio aquela que não fora convidada.

Sem cumprimentar e mesmo olhar para pessoa alguma, a intrusa gritou, com voz furiosa e ameaçadora:

- Quando tiver quinze anos, a princesa espetará a mão em um fuso de fiar e cairá morta,

E, sem dizer mais uma palavra sequer, virou as costas e foi-se embora.

Todos os presentes ficaram estarelecidos, mas a duodécima fada, que ainda não havia pronunciado o seu voto propício, adiantou-se e, como não tinha poderes para anular o prognóstico da fada perversa, mas apenas abrandar o seu efeito, disse:

- Não será a morte que a atingirá, e sim um sono profundo, que imobilizará a princesa durante cem anos.

O Rei, ainda esperançoso que poderia evitar a anunciada desgraça, mandou que fossem destruídos todos os fusos existentes no reino. Enquanto isso, as promessas favoráveis das boas fadas se cumpriram, pois a princesa era linda, modesta, prestativa, paciente e inteligente, e todos que a viam a admiravam e a queriam.

Aconteceu que certo dia o Rei e a Rainha saíram de casa e a princesa, então com quinze anos, ficou sozinha no palácio. Resolveu então percorrê-lo, por curiosidade, pois não conhecia muitos aposentos do enorme casarão. Afinal chegou a uma velha torre. Subiu uma escada em caracol e encontrou uma portinha, em cuja fechadura havia uma chave enferrujada. A princesa girou-a, abriu a porta e entrou.

Era um aposento muito pequeno, onde se encontrava uma velha com um fuso, fiando linho.

- Bom dia, vovozinha - disse a princesa. - O que estás fazendo?

- Estou tecendo - respondeu a velha.

A princesa ficou muito interessada por aquela atividade que desconhecia de todo e quis também manobrar o fuso. Mal o tocou, porém, feriu o dedo.

E mal sentiu a picada, caiu deitada em uma cama que havia junto do fuso, dormindo profundamente, e o seu sono se estendeu por todo o palácio. O Rei e a Rainha, que tinham acabado de chegar, adormeceram no salão nobre, e com eles todos os membros da corte. Os cavalos adormeceram na cocheira, os cães no pátio, os pombos em cima do telhado, as moscas na parede. O próprio fogo, que crepitava no fogão, ficou estático. O cozinheiro, que estendera o braço para castigar um menino que o ajudava e que cometera alguma falta, ficou dormindo com o braço no ar. O vento parou, e as árvores que rodeavam o castelo não moveram mais uma folha sequer.

Em torno do castelo, a uma certa distância começou a crescer uma cerca de espinheiros, que ia se tornando mais espessa de ano para ano, de modo que encobriu tudo, até a bandeira hasteada no alto da torre.

Espalhou-se contudo, pelos arredores a história da Bela Adormecida, como a princesa passou a ser chamada, e apareciam de vez em quando

príncipes que tentavam chegar ao castelo, atravessando o espesso espinhal. Sempre, porém, acabavam achando impossível e desistindo, e os poucos que tentaram ir adiante tiveram morte horrível.

Depois de se passarem muitos e muitos anos, apareceu um príncipe que ouviu um velho falando a respeito da cerca de espinhos, que, segundo se dizia, escondia um castelo, no qual uma linda princesa estava adormecida assim ficaria durante cem anos, e seus pais e toda a gente da corte igualmente dormiam. Seu avô já lhe contara também que muitos príncipes tinham tentado chegar ao castelo, mas haviam morrido no meio do espinhal.

- Eu não tenho medo! - exclamou o jovem príncipe. - Irei ver a Bela Adormecida.

O velho tentou em vão dissuadi-lo da ideia, que era uma verdadeira loucura na sua opinião. Por essa ocasião, tinham se passado os cem anos da profecia e aproximava-se o momento em que a Bela Adormecida iria despertar.

Quando o príncipe se aproximou da cerca de espinhos, não viu espinho algum, e sim milhares de lindas flores, que o deixavam passar incólume, mas que se fechavam atrás dele, como uma cerca.

No pátio do castelo, cavalos e cães dormiam, imóveis; no telhado estavam imóveis pombos, com a cabeça enfiada embaixo da asa. Dentro do palácio, as moscas continuavam dormindo nas paredes, na cozinha o cozinheiro ainda estava com o braço levantado, tentando pegar o menino, e uma criada dormira depenando uma galinha.

No salão nobre, o Rei e a Rainha dormiam junto do trono e os cortesãos dormiam, espalhados por toda parte.

O príncipe avançou mais ainda, chegou à torre e abriu a porta do quarto onde se encontrava Bela Adormecida. Tão bela, que ele não pôde dela afastar os olhos por um segundo, e curvando-se, beijou-a. A Bela Adormecida, logo que foi beijada, acordou, abriu os olhos e encarou o príncipe, com uma expressão de doçura e carinho.

Os dois desceram da torre, e o Rei e a Rainha e todos os cortesãos acordaram e olharam uns para os outros atônitos. Os cavalos relincharam e os cães latiram no pátio; os pombos acordaram no telhado e alçaram voo; o fogo na cozinha crepitou de novo e cozinhou a carne, a criada continuou a depenar a galinha e o cozinheiro acertou um tapa com toda a força na cabeça do menino.

E o casamento da princesa com o príncipe que a beijou após seu sono de cem anos, foi celebrado com a maior pompa, e o casal viveu feliz até o fim de seus dias.

5.4.1 Caracterização da Época de Micael

A época de Micael durou, também, vinte e seis dias. Foi iniciada em 23 de setembro e finalizada em 18 de outubro de 2013. O início dessa época coincide com o dia de São Micael, que é 23 de setembro. Também é conhecido como o dia de São Miguel Arcanjo, e esse dia é comemorado desde o século IX. Tradicionalmente, São Micael é o defensor do bem contra o mal. Assim, o conteúdo dessa época é a *coragem*.

Na Idade Média, São Micael foi representado com uma espada na mão, apontada para um dragão. Essa imagem inspirava a coragem. A espada foi considerada o símbolo do espírito ou da palavra de Deus, a qual recebeu até nomes próprios: como a espada do Rei Arthur, chamada de *Excalibur*. A imagem do dragão representa questões internas e externas vivenciadas pelos homens e, também, pelas crianças. São Micael é tido como o exemplo para enfrentar e vencer os dragões que surgem na vida. Lutar com os “dragões” é, por assim dizer, trabalhar os conflitos internos e externos (MORAES, 2004).

A *coragem* foi trabalhada com as crianças do Jardim A, através de brincadeiras como: pular corda, equilibrar-se na ponte de corda e outras, que requereram coragem e a força física.

A época foi vivenciada com músicas que pedem força, coragem e proteção ao São Micael. Assim, as narrativas foram, também, inspiradas na força e na coragem de dele. A história da *Princesa e o Dragão* foi a narrativa mais trabalhada com as crianças. Nessa história, um corajoso príncipe conseguiu resgatar uma bela princesa, que havia sido raptada pelo poderoso dragão. Certo dia, as crianças recontaram, espontaneamente, essa história na forma de teatro.

As narrativas utilizadas nessa época mencionaram príncipes corajosos e justos; histórias com heróis, que conseguiram vencer o dragão. E o conto de fadas escolhido pela professora para retratar a época de Micael foi *A Bela Adormecida*.

5.4.2 Observações da Bela Adormecida

O conto de fadas *A Bela Adormecida* foi muito bem recebido pelas crianças. Ele foi narrado durante as duas primeiras semanas da época de Micael, embora intercalado com outras narrativas. Na segunda semana, aconteceu de o conto ser

narrado apenas uma vez, pois, a professora sentiu necessidade de usar um conto mais denso, em que os desafios fossem tratados com maiores dificuldades, em função do comportamento agitado das crianças. Feito isso, o silêncio foi alcançado rapidamente, e em nenhum dia houve reclamação quanto a repetição.

O fato de não ter existido nenhum tipo de resistência, com relação à versão dos irmãos Grimm, foi interessante. Visto que a grande maioria das crianças já havia entrado em contato com outras versões do conto *A Bela Adormecida*, principalmente, através do desenho da Disney.

A principal parte desse conto, em que foi tratada a *coragem* referiu-se ao príncipe, quando ele respondeu ao seu avô que não tinha medo e que iria atrás de Bela Adormecida. Foi perceptível o silêncio ainda maior na parte seguinte, quando o príncipe atravessou a cerca de espinhos. O silêncio traduziu-se em apreensão: as crianças arregalaram os olhos como se aguardassem a algum resultado. Logo em seguida, quando a narrativa alcançou a parte em que o príncipe venceu a travessia da cerca de espinhos e adentrou o castelo, os olhares ficavam mais relaxados. Por algumas vezes, uma menina de seis anos, bateu palmas, aplaudindo a bravura do príncipe, e exclamou, certa vez: “*ele conseguiu!*”. Seu rosto expressava encantamento e satisfação, o príncipe cumprira sua missão e, agora, iria ao encontro de sua Bela.

É oportuno comentar que por diversas vezes, ao fim do conto, os meninos ainda sentados, faziam movimentos corporais, como numa luta, e fortes barulhos sonoros, como se estivessem guerreando. As meninas, por outro lado, vibraram com a parte do beijo, tecendo diversos comentários a respeito daquela cena ao fim do conto.

É importante ressaltar qual foi a reação das crianças, quando a duodécima fada adentrou a festa, quando a professora estava narrando, com sua voz suave e pausada, que a fada que não fora convidada entrou na festa, e estando furiosa, gritou seu voto maléfico: foi perceptível a tensão em algumas crianças. No primeiro dia, um menino de seis anos perguntou: “*por que o Rei não pediu para os guardas prenderem a fada má?*”. Outras crianças compactuaram com esse comentário, trazendo o seguinte questionamento: o que será que os faz pensar que prender resolveria a questão?



Figura 3 - Ambiente preparado para a narração do conto de fadas *A Bela Adormecida*

5.5 REFLEXÕES DE UMA OBSERVADORA PARTICIPANTE

Quando penso nos contos de fadas, a primeira imagem que me vem, são as crianças sentadas na roda, atentas à narrativa da professora, num estado de completa quietude. E o que mais me encanta é o fato de as crianças voltarem de um momento de pura expansão, que é a *hora do parque*, entrarem na sala agitadas e conseguirem se concentrar na narrativa. Concordo com Steiner (2012), quando ele afirmou que há algo mágico nos contos de fadas. E uma prova dessa afirmação é a experiência que vivencio todos os dias no momento da *hora do conto*. Existe uma magia que faz com que as crianças entrem num estado de quietude, trazendo ao ambiente uma surpreendente harmonia. Mas de onde emana toda essa magia?

Depois do estudo feito para a realização deste trabalho, passei a compreender o que de fato acontece, ou seja, acredito ter desvendado essa magia. Pois, ao escutarem o conto, as crianças entram em contato com um tipo de conteúdo milenar, no qual são transmitidas grandes verdades primordiais, que por serem atemporais e não definirem um espaço geográfico específico, permitem às crianças deslocarem-se para dentro da história, e identificarem-se com os personagens e com seus feitos. E o fazem, principalmente, com as situações vividas pelos personagens e com a forma com que eles lidam com tais situações. Essa identificação ocorre pelo fato de que as crianças trazem, internamente, consigo essas questões. Segundo Bettelheim (1980), os contos de fadas fazem com que as crianças reconheçam suas dificuldades internas, face aos impasses existenciais de seu desenvolvimento. A criança sente quais dos contos de fadas são verdadeiros para a sua situação interna vivida num dado momento, possibilitando saber onde e como a história lhe fornece elementos para

lidar com suas dificuldades. Nesse sentido, os contos de fadas apresentam o importante papel, na formação da criança e no seu desenvolvimento, de possibilitar que elas encontrem soluções para seus conflitos, mesmo sem estarem conscientes desse processo.

Os contos de fadas são valorizados na Pedagogia Waldorf, em especial, os dos Irmãos Grimm. A coletânea de contos de fadas anotados por esses dois grandes pesquisadores são valorizados em virtude de “*seu valor no conteúdo imensamente sábio, que transmite, de uma forma imaginativa, verdades e realidades de ordem espiritual, cujo objetivo é a apresentação da evolução espiritual da humanidade e do indivíduo*” (LANZ, 2005, p.113).

A professora narra o conto de fadas sem o auxílio do livro, olhando para seus alunos e fazendo uso de alguns gestos. A escolha dos contos é vinculada à *época* em que se encontram. Existem estudos sobre cada época e os contos de fadas indicados para os períodos do ano. Porém, podem surgir questões particulares nas turmas, assim, a professora deve fazer uso de sua sensibilidade para escolher um conto que trabalhe determinada questão. Como exemplo, relato um episódio na minha turma, quando duas alunas, uma de seis e outra de cinco anos, estavam tendo muitos conflitos. As duas são muito unidas, porém, a mais velha tende a mandar e a submeter a mais nova às suas vontades, chegando ao ponto de fazê-la sofrer, como no dia do episódio. Então, neste dia a professora não narrou o conto da época, e sim, outro, chamado *A Princesa Luz*, do livro *Histórias Curativas para Comportamentos Desafiadores*, de Susan Perrow. A história trouxe duas amigas que se gostavam muito: uma era muito ágil e nadava muitíssimo bem, enquanto a outra era lenta e não conseguia acompanhá-la. A primeira maltratava a segunda e com o tempo foi perdendo aquela grande amiga. Enfim, esse conto de fadas foi escolhido para as duas alunas que tanto brigaram naquele dia. Com certeza, o conteúdo não foi restrito à elas, mas também a outras crianças da turma. Esse episódio mostrou que os contos de fadas possuem uma função terapêutica e, melhor do que um diálogo repleto de conceitos lógico-abstratos para as crianças, os contos de fadas as alcançam por tratar as questões por meio de imagens. Rudolf Steiner (2002, p.32) explicou que “*os contos de fadas são apresentados como imagens pelo fato de ser necessário utilizar processos exteriores como ajuda, a fim de proporcionar o que deve constituir um alimento espiritual para a fome que brota das vivências da alma*”.

Existe, na prática Waldorf, uma maneira de conduzir o momento da *hora do conto*: a escolha é vinculada a uma época; a transmissão é feita através da narração, não fazendo uso da leitura; e a repetição deve ser realizada enquanto durar a época.

As épocas relacionam-se às estações climáticas do ano, a algumas festas cristãs e, também, a algumas festas regionais. A maneira de fazer uso dos contos de fadas como um instrumento pedagógico baseia-se num estudo, no qual as explicações são fundamentadas, porém, minha vivência com as crianças do jardim de infância, fez-me questionar se realmente a prática deve ser conduzida dessa maneira, a começar pela repetição dos contos. Passerini (2004, p.107) defendeu que “*a repetição diária gera intimidade e certeza, que se traduzirão em segurança e confiança*”. Concordo que seja saudável que as crianças escutem um mesmo conto de fadas mais de uma vez, para que desenvolvam segurança e confiança, absorvendo por completo o conteúdo, entretanto, sabe-se que a criança de hoje é extremamente acelerada por estímulos externos e pelo grande acesso à informação, o que faz com que seja difícil aceitar a mesma história repetidas vezes, e por isso, o grande volume de “*ah, de novo?*” observado quando do reconto, em alguns dias. A respeito disso, Passerini comentou que:

Atualmente, talvez em virtude de viver um excesso de estímulos neuro-sensoriais, a criança tem dificuldades em ouvir o mesmo conto por mais de alguns dias; mas o ideal seria de três a quatro semanas, para que ela possa efetivamente acalmar seu mundo interno e elaborar as imagens com clareza e sequencia. Em geral, conforme asseguram as professoras, é difícil manter esse ritmo (PASSERINI, 2004, p.106).

É preciso encontrar equilíbrio: onde se consiga fazer com que a criança escute algumas vezes o mesmo conto, mas de modo a não alcançar a resistência da criança, ao ouvir mesmo conto repetidamente. A autora propôs uma possível solução para essa dificuldade, baseada em contar um número pequeno de histórias, de forma alternada, a cada semana, fazendo com que as crianças ouçam o mesmo conto pelo máximo de vezes no decorrer de cada época, que dura até quatro semanas. Outra alternativa trazida pela autora “*para um grupo de crianças muito agitadas, que não conseguem ater-se a ouvir, pode-se, como recurso terapêutico, iniciar a narração de um conto com um teatro de bonecos pouco elaborados, sem cenário, sendo a dramatização bem simples, e após isso continuar apenas com a narração*” (PASSERINI, 2004, p.107).

Questiono o não uso do livro, embora compreenda que seja fundamental que a professora olhe para as crianças a fim de percebê-las, mas, se recorresse ao livro, a professora mostraria às crianças que àquele instrumento é a fonte de tudo aquilo que ela esta sendo narrado. Possibilitaria, também, o contato das crianças com esse objeto que a cada dia que passa tem-se mostrado menos presente na vida das pessoas.

Na minha opinião, o momento do conto de fadas da Escola Waldorf Moara, cuja pedagogia baseia-se na Antroposofia, deveria seguir as formas indicadas pela autora, a qual sugeriu, entre outras palavras, o uso de flexibilidade por parte da professora: podendo-se fazer adequações às repetições das narrativas, podendo fazer uso do livro e de outros recursos pedagógicos, como pedir às crianças que recontem a história narrada ou usar fantoches e bonecos para auxiliar a narração.

Quanto às contribuições dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil, elas podem ser descritas a partir das seguintes percepções: os olhares e os comentários expressados pelas crianças traduziram emoções, desconforto, alegria, empolgação, medo, tristeza etc. Cada criança, com suas particulares e infinitas questões subjetivas, depara-se com as diversas situações existentes nos contos de fadas, e identifica-se com essas situações à sua maneira. A exemplo disso, um conto de fadas que trouxe como conteúdo a transformação, referindo-se à história do Burrinho, despertou euforia numa criança, mas, tristeza àquela que estava ao seu lado. E é essa a riqueza dos contos de fadas - é para todos ao mesmo tempo, por meio de sua compreensão subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de pesquisar os contos de fadas surgiu de maneira inusitada: ao ler o encarte do musical *Era uma vez...Grimm*, encantei-me com as explicações trazidas acerca das funções dos contos de fadas, e naquele momento, tive a certeza de que gostaria de saber mais sobre o exposto, e de obter conhecimento a respeito de tão maravilhoso conteúdo. Mas um obstáculo surgiu: onde e como eu realizaria essa pesquisa? Na época, trabalhava como auxiliar de classe em uma turma de Educação Infantil, cuja metodologia de ensino era tradicional. Logo, os momentos de histórias e contos de fadas eram raros. Tão raros que não me recordo de ter escutado algum. Muito angustiada com o método pedagógico daquela escola, procurei por uma escola com práticas pedagógicas inovadoras, e foi assim que a oportunidade surgiu: existia uma vaga para auxiliar de classe na Escola Waldorf Moara. Na minha cabeça, eu tinha a nítida ideia de que seria para mim a oportunidade de estagiar numa escola com práticas inovadoras - um sonho que eu tinha - e também, de realizar minha pesquisa de conclusão de curso da UnB, cujo tema seria os contos de fadas.

Em 2013, eu já estava trabalhando na Escola Waldorf Moara. E desde o início das minhas atividades lá, as reações das crianças aos contos de fadas despertaram em mim mais curiosidade, porque eram encantadores os seus efeitos sobre os alunos. O passo seguinte foi conhecer sua importância e a contribuição ao desenvolvimento das crianças, assim como a maneira de utilizá-los como instrumento pedagógico. O acesso ao conteúdo antroposófico ampliou minha visão acerca dos contos de fadas e sobre o desenvolvimento humano. Estudar a Antroposofia, a Pedagogia Waldorf e os contos de fadas, fez com que eu ampliasse o olhar em direção as crianças, permitindo-me compreender profundamente os processos observados.

Para analisar a contribuição dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil no âmbito da Pedagogia Waldorf foi preciso, no primeiro capítulo, identificar nessa prática pedagógica, a sua fundamentação. Para isso, fui estudar Antroposofia. A partir daí, pude enxergar o desenvolvimento humano de forma integral, holística. Em seguida, no segundo capítulo, adentrei no mundo dos contos de fadas: seu surgimento, sua trajetória e características. Finalmente, consegui relacionar tudo isso ao desenvolvimento infantil, tratado no terceiro capítulo, o qual me permitiu explorar aproximações entre a visão da Pedagogia Waldorf e a de outros autores de áreas afins, também estudiosos dos contos de fadas. Lendo o psicanalista Bruno Bettelheim e a junguiana Marie Louise von Franz, pude identificar que há

uma aproximada visão de todos eles acerca das contribuições dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil. Isso acentuou a importância da Pedagogia Waldorf elaborada por Rudolf Steiner, sob a ótica de não se tratar de uma prática misteriosa, mas sim, de uma prática cujo sentido profundo, rico e inovador pude adentrar. E também compreendi que respeita as fases do indivíduo e apresenta um vasto conteúdo explicativo. O quarto capítulo abordou a metodologia utilizada nessa pesquisa. O método utilizado foi a observação participante; como instrumento, foi criado um diário de bordo, contendo as observações e impressões da *hora do conto*. Logo, foi possível refletir sobre as contribuições dos contos de fadas ao desenvolvimento infantil no quinto capítulo, com base na prática vivenciada.

Todo esse estudo contribuiu positivamente na realização das minhas atividades diárias no jardim de infância da Escola Waldorf Moara. Passei a estar mais atenta ao que é expresso pelas crianças, principalmente, de forma a compreender o que acontece com elas na *hora do conto*.

Em linhas gerais, posso fazer a seguinte consideração: que essa pesquisa resultou numa grande descoberta. Desvendei a magia existente nos contos de fadas, compreendi a importância desses contos na formação de imagens conceituais nas crianças e seu papel terapêutico na vida delas e no seu desenvolvimento psicológico, pois sugerem, de maneira subjetiva, soluções para seus conflitos internos. Finalizo minhas considerações, utilizando a verdade manifestada no comentário do diretor do musical *Era uma vez...Grimm*, José Mauro Brant, a respeito dos contos de fadas: “*por trás de inocentes narrativas estão escondidas as mais profundas fábulas sobre a condição humana, nossos desejos e nossas dores*”.



PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Muitos sonhos surgem na minha cabeça quando penso no meu futuro profissional. Alguns realistas, outros, nem tanto. Sempre fui sonhadora e por isso, acabo projetando diversos caminhos a seguir. Contudo, tenho uma certeza: de que quero trabalhar com crianças. Recentemente, um aluno me perguntou: “*professora, você gostava de ser criança?*”, respondi “*gostava tanto, que não queria crescer e ser criança para sempre!*”, logo, ele concluiu “*ainda bem que no seu trabalho tem criança!*”. “*Ainda bem*”, concordei satisfeita.

Desde que ingressei na Universidade, meu desejo era o de atuar na Educação Infantil. Através dos trabalhos de campo e dos estágios que realizei, tive a oportunidade de comprovar onde gostaria de atuar. E hoje, não penso diferente sobre isso. Pretendo continuar atuando na Pedagogia Waldorf. E para isso, começarei no próximo ano, 2014, o curso de Fundamentação em Pedagogia Waldorf, na Escola Waldorf Aitiara, em Botucatu, São Paulo.

Após essa etapa, pretendo ingressar no mestrado em Educação para aprofundar-me nos conhecimentos acerca do ensino, da aprendizagem e do desenvolvimento humano, com a finalidade de conhecer diferentes contextos educativos, que me permitam alcançar práticas pedagógicas inovadoras.

Além disso, penso em conciliar esses sonhos com outro, também especial, que alimento há algum tempo: o de estudar na Universidade do Porto ou na Universidade de Lisboa, em Portugal, na Europa. Estando lá, gostaria de conhecer a Escola da Ponte e quem sabe, divulgar e inspirar novos movimentos pedagógicos por aqui, depois de ter vivido, estudado e experimentado diferentes formas de práticas pedagógicas. ***Vale a pena sonhar.***

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001. 174 p.
- ALENCAR, Marcelo. **Quem quiser que conte outra**. Educação. São Paulo: Segmento. Ano 26, nº 228. p. 42-54, abr 2000.
- ARIÈS, Philip. **A história social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 422 p.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. 3. ed. Brasília: Plano Editora, 2002. 160 p.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**, 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366 p.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 152 p.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 164 p.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, Análise e didática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 895 p.
- FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 1990. 242 p.
- GIARDINELLI, Mempo. **Assim se escreve um conto**. 1. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 336 p.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos de Grimm**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008. 595 p.
- LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança brincando! Quem a educa?** 1. ed. São Paulo: João de Barro, 2007. 84 p.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. 9. ed. São Paulo: Antroposófica, 2005. 247 p.

MAGALDI, Ercilia S. D. **Processo de Individuação**. 2002. Disponível em: <<http://www.ijba.com.br/index.php?sec=artigos&id=94&ref=processo-de-individuacao>>. Acesso em: outubro de 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000. 277 p.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 249 p.

NISCH, Renate. **Associação Brasileira dos Euritmistas**. 2001. Disponível em: <<http://www.euritmia.org.br>>. Acesso em: outubro de 2013.

PASSERINI, Sueli Pecci. **O fio de Ariadne: um caminho para a narração de histórias**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004. 175 p.

PEREIRA, Simone. **A educação infantil na perspectiva da Pedagogia Antroposófica**. Trabalho final de curso de Pedagogia. FE/UnB, Brasília, 2006.

PERROW, Susan. **Histórias Curativas para Comportamentos Desafiadores**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013. 333 p.

REZENDE, Erika Bernardes. **O Arquétipo do Puer Aeternus**. Trabalho final de pós-graduação em Psicologia Analítica. Instituto Junguiano da Bahia e Fundação Baiana Para o Desenvolvimento das Ciências, 2012.

SETZER, Valdemar. **O que é Antroposofia?** 1998. Disponível em: <<http://sab.org.br/antrop.htm>>. Acesso em: setembro 2013.

_____. **Uma introdução antroposófica a constituição humana**. 2000. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer>>. Acesso em: setembro 2013.

SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil: Um ensaio sobre a ética a estética e a psicopedagogia da literatura infantil**. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

STEINER, Rudolf. **Os contos de fadas: sua poesia e sua interpretação**. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2012. 71 p.

ANEXOS

VERSÃO ADULTA **10** Não recomendado para menores de 10 anos

VERSÃO INFANTO JUVENIL **L** Livre para todos os públicos

Apoio Cultural



Idealização



Patrocínio



Realização

Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I

Setor de Clubes Sul trecho 2

Ônibus gratuito. Verifique horários e locais de saída.

Info 61 3108 7600 | bb.com.br/cultura | twitter.com/ccbb_df | fb.com/ccbb.brasilia

SAC 0800 729 0722 | Ouvidoria BB 0800 729 5678 | Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088



Ministério da Cultura apresenta
 Governo do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de
 Cultura/Lei Estadual de Incentivo à Cultura,
 Oi e BB DTVM apresentam e patrocinam



ERA
 UMA
 VEZ...

GRIMM

UM MUSICAL de José Mauro Brant e Tim Rescala

Centro Cultural Banco do Brasil / 14 de setembro a 14 de outubro



O Ministério da Cultura e o Banco do Brasil apresentam *Era Uma Vez... Grimm*, espetáculo teatral criado a partir dos contos dos irmãos Grimm, conhecidos pelos registros das tradições e folclores populares alemães. A montagem da peça celebra os 200 anos da primeira edição do primeiro volume de seu livro mais importante: *Contos Maravilhosos para as Crianças e para o Lar*, frequentemente traduzido e filmado em vários países.

O espetáculo recria o universo fantástico dos contos dos Grimm com música, literatura e teatro de animação em duas versões: uma para adultos e outra para crianças. As histórias "Cinderela", "Chapeuzinho Vermelho" e "O Junípero" são apresentadas revelando a profunda carga poética e simbólica implícita nas narrativas.

Ao realizar esse musical, o Centro Cultural Banco do Brasil traz ao público uma releitura contemporânea de clássicos da literatura mundial e promove a reflexão sobre a atualidade dos contos de fadas e o interesse que despertam 200 anos depois.

Centro Cultural Banco do Brasil

"Qualquer transformação que tire dos contos a simplicidade, a inocência e a pureza, rouba-as ao ciclo a que pertencem e onde são desejadas"

GRIMM

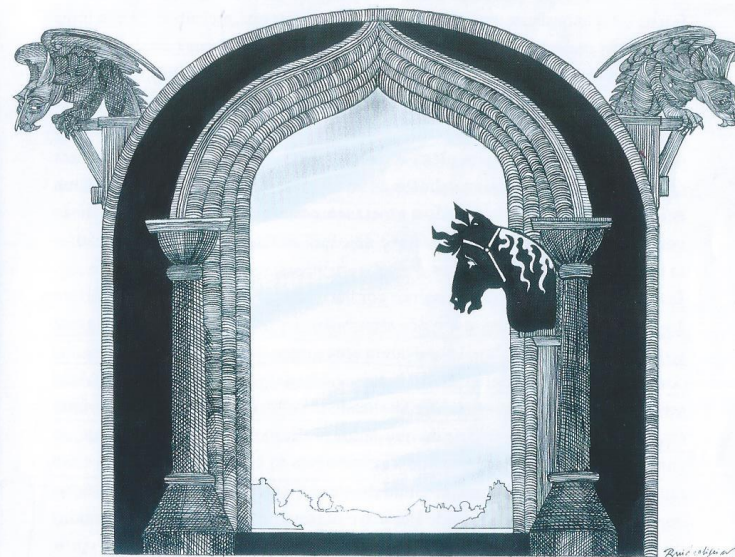
Sempre fui um apaixonado pelos contos de fadas. Por trás dessas inocentes narrativas estão escondidas as mais profundas fábulas sobre a condição humana, nossos desejos e nossas dores. Quase todos os contos falam da mesma coisa, o confronto do ser humano com as adversidades e a busca da maturidade/liberdade/felicidade. Todo conto de fadas é um rito de iniciação, uma maneira de vivenciar na ficção todos os matizes da vida.

Quando falamos de contos de fadas lembramos imediatamente dos Irmãos Grimm. Mas o que sabemos deles? Muito pouco. Entretanto, somos expostos a todo o momento a infinitas adaptações e recriações de seus contos, que muitas vezes os afastam da sua verdadeira natureza. Nos contos dos Irmãos Grimm os valores do Romantismo alemão, a ênfase na humanidade e a relação do homem com a natureza dão o tom. Em Cinderela, nada de fada-madrinha nem varinha de condão, é, sim, a natureza quem faz a mágica, quem dá à menina asas para vencer as adversidades e atingir a felicidade.

Esperei muitos anos por 2012, ano em que se comemoram os duzentos anos da primeira edição dos Contos maravilhosos para as crianças e para o lar. Homenagear um livro me pareceu a melhor oportunidade de trazer para o palco o universo dos Grimm, realizando um projeto que unisse toda a minha trajetória, entre a literatura e a música e que tratasse o universo infantil como assunto de gente grande. Um musical sim, mas diferente, original, com uma roupagem que preservasse a universalidade dos contos, sua grandeza heroica e, ao mesmo tempo, tivesse a simplicidade e a pureza de um acalanto. Musicalmente, só uma pessoa poderia materializar esse desejo – Tim Rescala, que imediatamente se sentiu provocado e nos presenteou com essa música divina. Cada canção que chegava nos movia e nos enchia de inspiração e segurança para seguir num ariscado processo criativo.

Ao redor do fogo do teatro, aprendemos todos a grande lição dos contos: transformar a adversidade em força e obstinação para chegarmos a um final feliz. Para isso foi indispensável o trabalho da minha parceira Sueli (que não tem "Guerra" no nome à toa, está sempre pronta para a batalha); do elenco dos sonhos, de uma equipe mais que especial e sem falar do time de músicos maravilhosos! A todos eu agradeço pela parceria e cumplicidade nesta emocionante aventura.

JOSÉ MAURO BRANT



Os contos de fadas dos Grimm

Contos de ontem para serem contados hoje e sempre

Quem nunca ouviu ou leu um conto de fadas? Da Bela Adormecida ao Pequeno Polegar, do Príncipe Sapo à Chapeuzinho Vermelho, além de muitos e muitos outros, eles encantam nossa infância, exercitando a fantasia e recheando o imaginário de um colorido especial que nos acompanhará pela vida adulta adentro. Fora isso, é com eles que os leitores – pequenos e grandes – ainda aprendem lições de vida inigualáveis: João e Maria mostram que mesmo os mais fracos podem destruir uma bruxa; Cinderela faz ver que mesmo as piores injustiças ainda podem ser vencidas; o Alfaiatezinho Valente é um exemplo de que a confiança em nós mesmos nos faz derrotar até os maiores gigantes.

Embora não falte gente que os considere meras historietas ingênuas e obsoletas, os contos de fadas continuam atuais e mais fascinantes do que nunca, podendo dar ao mundo de hoje – em plena solidão e insegurança dos grandes aglomerados urbanos – referenciais e valiosos ensinamentos. Cinderela não apenas é um exemplo de humanidade, perdão e esperança, como ainda chama nossa atenção para a necessidade de harmonia com a natureza ao realizar as tarefas da madrasta com o auxílio de passarinhos.

Esses contos e muitos outros, menos conhecidos mas igualmente valiosos, integram o tesouro que chegou até nós através dos Irmãos Grimm, que após passarem anos coletando material publicaram uma primeira leva de narrativas em 1812 – exatamente há 200 anos atrás! Ao longo de décadas esse primeiro conjunto foi sendo ampliado e revisado, até ser finalizado em 1857, com um total de 210 narrativas. No entanto, ao contrário do que vários já afirmaram e outros repetiram, os contos não foram ouvidos de pobres camponeses da área rural. A despeito disso, embora muitos contos tenham vindo de amigos ou conhecidos da sua própria região na Alemanha (o Estado de Hessen) e outros contos tenham sido extraídos de livros, os Grimm pavimentaram o caminho para as futuras gerações.

Seu volume de contos de fadas foi endereçado explicitamente às crianças e, com isso, criou as diretrizes para o estabelecimento da literatura infantil, tal como a concebemos hoje. O exemplo dos Grimm foi seguido tanto por Hans Christian Andersen na Dinamarca, como por Italo Calvino na Itália e Monteiro Lobato no Brasil. Além disso, graças à obra e às ideias defendidas pelos Grimm, o folclore de todos os países começou a ser estudado e valorizado. Em nosso país, a coleta de contos populares foi iniciada ainda no século XIX por Silvio Romero, sendo continuada mais tarde por diversos estudiosos, entre eles, Luís da Câmara Cascudo.

O resgate desse tesouro cultural leva-nos ao coração de uma das mais antigas atividades humanas: a contação de histórias. Nesse âmbito, o conto de fadas aproxima-se, e muitas vezes é quase indiscernível, de outras formas arcaicas de narrativa, como a lenda, a fábula e, em especial, o mito. E, assim como os mitos antigos, o conto de fadas se funda em elementos arquetípicos profundamente enraizados em nossa cultura, como o herói perseguido, que enfrenta obstáculos e perigos, mas que ao final consegue retornar ao seu lugar de direito, derrotando seu opositor. Essa mesma estrutura sustenta tanto figuras mitológicas do calibre de um Édipo quanto figuras de contos de fadas da estirpe de Branca de Neve, Cinderela ou João e Maria.

Como esses exemplos já indicam, as dificuldades e o Mal, forçosamente, são parte da própria natureza do conto de fadas: ao lado das delicadas princesas também existem as terríveis bruxas, e é preciso haver um problema para que ele possa ser vencido e a felicidade final seja alcançada. Assim, os contos não são textos tão doces e ingênuos como muitos acreditam, mas narrativas que falam da dura realidade da vida: o mundo é cheio de lobos maus, madrastas impiedosas e gente fria e insensível à desgraça alheia. Por outro lado, no entanto, o conto mostra também salvamentos, conquistas, problemas sendo vencidos e, ainda, que no mundo há amor, generosidade e justiça.

A crueldade nos contos de fadas, aliás, é encarada como essencial por Bruno Bettelheim, autor do livro A psicanálise dos contos de fadas. Segundo ele, é muito importante que todos – inclusive o público infantil – conheçam desde cedo exemplos de maldade e sofrimento, pois só assim a criança aprenderá a lidar com seus medos, inseguranças e impulsos destrutivos. Na medida em que o conto de fadas confronta a criança com aspectos assustadores, eles a ensinam a enfrentar o Mal, a injustiça e a crueldade. Em vez de fugir das dificuldades ou deixar-se abater pelo tamanho dos empecilhos, a criança é estimulada a olhá-los de frente e combatê-los. Isso é alcançado porque a criança se identifica com personagens frágeis – como Pequeno Polegar ou Cinderela – e com eles aprende que a vitória pode ser alcançada. Assim, os contos preparam a criança para enfrentar seus próprios receios e assumir uma postura confiante diante das dificuldades e insatisfações. Isso explica em boa parte o enorme sucesso dos contos dos Grimm junto ao público infantil.

Em sua origem mais remota, porém, os contos eram histórias passadas oralmente de geração a geração pelos camponeses europeus. Durante trabalhos monótonos, como a fiação, ou nas horas de descanso, o contador de histórias tinha papel fundamental na preservação e transmissão da herança cultural folclórica.

Em torno do contador reuniam-se todos – adultos e crianças – e ouviam-se as narrativas, que muitas vezes eram acompanhadas de mímica, imitação de vozes diferentes etc.

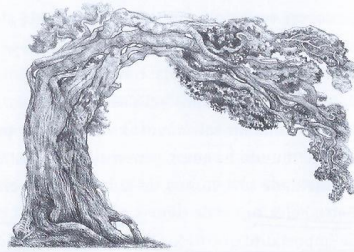
É esse material popular folclórico que os Grimm immortalizaram ao buscarem sua conservação nas páginas de livros. A importância dessa realização foi imensa e seu impacto dura até os nossos dias. Os contos por eles reunidos e revisados forneceram as matrizes tanto dos desenhos animados de Walt Disney como de Harry Potter e de tantas outras criações de fantasia. A viagem pelos contos de fadas abre as portas para um mundo fabuloso que tem cativado o público infantil (e adulto!) desde a época dos Grimm. Por isso mesmo, neste aniversário dos 200 anos de sua primeira publicação, os contos merecem ser relidos, comentados e, mais uma vez, apreciados em sua beleza e incomparável poder de fascinação.

* KARIN VOLOBUEF

Sobre os Contos

O Junípero

No início de 1806 o pintor Philipp Otto Runge (1777-1810), originário da Pomerânia Ocidental, anotou o conto. Runge enviou sua anotação (identificada hoje como manuscrito A) a Georg Zimmer, que em Heidelberg editou A cornucópia mágica do menino (A. Arnim & C. Brentano). Zimmer mandou o texto para Achim von Arnim, que o publicou na revista *Jornal Para Ermitões* [Zeitung für Einsiedler] com o título “Do junípero”. O conto saiu nos dias 9 e 12 de julho de 1808 nos números 29 e 30 da revista. Em 1809, Arnim passou o manuscrito para os Grimm, que incluíram o conto no primeiro volume de sua antologia em 1812. Os Grimm mantiveram o texto em dialeto, conforme anotado por Runge. Assim, trata-se de um dos vinte contos (dentre os 210) que estão em dialeto em vez do alemão padrão (ou Hochdeutsch). Isso foi uma opção, pois em 1808 Jacob enviou para Friedrich Carl von Savigny uma tradução do conto para o alemão padrão. Para os Grimm, “O junípero” ilustrava o padrão ideal ou prototípico do conto de fadas popular.



Cinderela

“Cinderela” já consta no primeiro volume dos Contos, de 1812, sendo uma mescla de três versões: a) a versão narrada pela chamada “contadora de Marburg” (sem identificação de nome); b) a versão já publicada por Perrault em 1697; e c) uma versão publicada em 1808, em Praga.

Na edição de 1819 saiu uma “Cinderela” revisada: foram eliminados aspectos muito semelhantes à de Perrault (por exemplo, fada madrinha, transformação de bichos e coisas em carruagem e laçaios) e foram misturados elementos de duas versões conseguidas em Hessen, sendo uma delas de Dorothea Viehmann. Com isso, entraram na história o presente (ramo de árvore) que o pai traz para Cinderela, assim como o plantio do galho sobre o túmulo da mãe. Em vez de fada madrinha, Cinderela passa a conseguir da árvore e dos passarinhos que pousam nela os vestidos e sapatos para ir ao baile, além da ajuda para realizar as tarefas impostas pela madrasta.

Chapeuzinho Vermelho

“Chapeuzinho Vermelho” consta no primeiro volume dos Contos, de 1812, tendo duas fontes: a) a versão narrada por Jeannette Hassenpflug (apelido de Johanna Isabella Hassenpflug); b) a adaptação publicada por Ludwig Tieck em 1812, com o título *Tragédia da vida e morte da pequena Chapeuzinho Vermelho* [Tragödie vom Leben und Tod des kleinen Rotkäppchens].

O conto dos Grimm distingue-se da de Perrault em vários aspectos, em especial o final, pois, na versão francesa, o lobo devora avó e menina e ninguém as salva.





Onde o conto maravilhoso está, lá ele vive, sem que se perguntem se é bom ou se é ruim, se poético ou insípido. Todos o conhecem e o amam, porque assim o receberam, amorosamente. E com eles, todos ficam felizes! Tudo o que existe no mundo está nesse livro encerrado: Reis, princesas, leais serviçais honrados artesãos, moleiros. Aqui, toda natureza ganha vida: sol, lua e estrelas são alcançáveis, nos presenteiam e se deixam tecer em roupas. Os pássaros, as plantas, as pedras falam! Até mesmo o sangue fala e chama. (...)

Tudo isso, naqueles minutos em volta do fogo, quando, despojados de toda a hipocrisia da vida, podemos olhar a partir e para além de nós. Quando então surge livre a fisionomia humana, como se nenhuma violência pudesse nos alcançar. Tudo isso naquele quarto de hora em que permanecemos sob o domínio da magia.

JACOB e WILHELM GRIMM



Os irmãos Grimm

